

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

CAREM ALINE DE OLIVEIRA

**SOBRE EXPLORAÇÃO E ALTERNATIVAS NA TRAJETÓRIA DE  
TRABALHADORES: ENTRE O CAMPO E A MODA-BEBÊ  
(TERRA ROXA-PR, 1990-2013)**

**Marechal Cândido Rondon  
2013**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

CAREM ALINE DE OLIVEIRA

**SOBRE EXPLORAÇÃO E ALTERNATIVAS NA TRAJETÓRIA DE  
TRABALHADORES: ENTRE O CAMPO E A MODA-BEBÊ  
(TERRA ROXA-PR, 1990-2013)**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
sob a orientação da Dr<sup>a</sup>. Sheille Soares  
de Freitas, apresentado à Banca  
Examinadora, como requisito básico  
para obtenção do título de Licenciatura  
Plena em História, pela Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná, Campus  
De Marechal Cândido Rondon.


**Marechal Cândido Rondon  
2013**

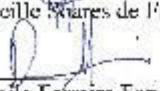
## ATA DE DEFESA

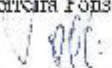
Aos 12 dias do mês de novembro de dois mil e treze, reuniram-se os professores: Dr<sup>o</sup>. Sheila Soares de Freitas (orientador), Dr. Danilo Ferreira Fonseca e Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani para comporem banca examinadora e submeterem a exame o Trabalho de Conclusão de Curso, enquanto requisito para obtenção de título de Licenciado em História, da acadêmica **Carem Aline de Oliveira**, intitulado "**Sobre exploração e alternativas na trajetória de trabalhadores: entre o campo e a moda-bebê (Terra Roxa-PR, 1990-2012)**". O trabalho após a exposição da autora e arguido pela Banca foi considerado *aprovada*, devendo a autora acatar as apreciações da Banca, proceder às reformulações indicadas pela banca e protocolar a versão definitiva em quinze dias, a partir desta data.

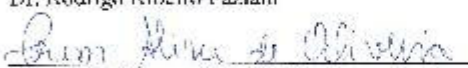
Sendo a média final: *95,0*.

Sem mais a acrescentar, eu Sheila Soares de Freitas, presidente da Mesa, lubro e assino a presente Ata, juntamente com os demais componentes. Marechal Cândido Rondon, 12 de novembro de 2013.

  
\_\_\_\_\_  
Dr<sup>o</sup>. Sheila Soares de Freitas (orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Danilo Ferreira Fonseca

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani

  
\_\_\_\_\_  
Acadêmica Carem Aline de Oliveira

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Carem Aline de Oliveira, residente em Marechal Cândido Rondon, Paraná, declaro que o texto apresentado é de minha exclusiva autoria, assumindo, portanto, total responsabilidade sobre ele.

NOME: CAREM ALINE DE OLIVEIRA

ASSINATURA: Carem Aline de Oliveira

*Aos meus pais, Agnaldo e Marley  
Que abdicam de seus sonhos para realizar os meus.*

## AGRADECIMENTOS

Com especial carinho, aos meus Pais, Agnaldo e Marley, trabalhadores que apesar da difícil situação fizeram o possível e o impossível para que eu pudesse chegar até este momento. É imensurável a gratidão e orgulho que nutro por vocês, pois sei de toda luta e determinação para verem a filha formada. Obrigada por todo o incentivo, “puxões de orelha”, apoio, dedicação e amor.

Agradeço aos amigos, velhos e novos, que irão fazer parte das minhas melhores lembranças do “tempo de faculdade”. Em especial, Simone, Tineneu, Dan, Tonho, Popi, Vassoura, Elaine, Julius, Keka, Emer, Nayara, Luana, Paulo e Tati. Alegaram as minhas noites com momentos de descontração no bar e rodas de violão. Por muitas vezes foram estes momentos que recarregaram as baterias e deram forças para continuar.

Á Vania, Marília e Marcos (Xequeureu), companheiros do movimento estudantil, que me ensinaram muito durante toda essa caminhada, foram nossas discussões que potencializaram minhas inquietações e a vontade de lutar.

Á Cintia, amiga e companheira durante toda a graduação, por todas as risadas, todo apoio, as conversas sobre tantas coisas, as comilanças, as reclamações, e claro, por todos os momentos de procrastinação.

Á minhas queridas amigas de infância, Aline, Luciana, Suzani, Simone e Fran que mesmo longe sempre estiveram presentes compartilhando angústias e vitórias.

Á minha tia Elza que contribuiu de inúmeras formas, para minha moradia em Marechal Cândido Rondon.

Á minha orientadora Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sheille Soares de Freitas por todo aprendizado, dedicação e compreensão.

Aos trabalhadores que gentilmente me receberam em suas casas compartilhando suas experiências para a realização desse trabalho.

Ao meu companheiro Marcos, antes de qualquer coisa melhor amigo, por toda cobrança, ajuda, paciência e amor.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem a intenção de problematizar, analisar e investigar as relações de trabalho que marcam a trajetória de trabalhadores que compuseram práticas no processo de industrialização na cidade de Terra Roxa-PR, discutindo o modo como se relacionaram, nem sempre amistosamente, com as ações do poder público municipal e com a participação empresarial do ramo “moda bebê” na cidade. A pesquisa abordará as três últimas décadas, pelo fato de esse ser um momento histórico importante pela intensificação da exploração industrial em Terra Roxa. Essa temporalidade é significativa no processo de mudança e produção de relações de trabalho na cidade, envolvendo o setor de vestuário e a produção de alternativas por trabalhadores, muitas vezes, advindo do meio rural. Propomos investigar as condições de vida dos trabalhadores, problematizando suas relações de trabalho, como se inserem e interpretam este mercado de trabalho, bem como relacionar as memórias e ações produzidas, tanto para o trabalho como para a vida em Terra Roxa. Para isso, destacamos o trabalho com as fontes orais, jornais, fichas de cursos profissionalizantes e índices estatísticos como documentação a ser privilegiada nessa pesquisa. O interesse foi manter o diálogo com as evidências e, quando necessário, ampliar a análise de fontes ou mesmo revedo os caminhos da investigação. Esse encaminhamento considera que o conhecimento histórico exige essa construção ao longo da pesquisa, como também o compromisso com as questões em foco.

**Palavras-chave:** Trabalhadores; Relações de Trabalho; Indústrias.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1:TRABALHADORES ENTRE O CAMPO E A MODA BEBÊ .....	15
CAPÍTULO 2:TRABALHO E TRABALHADORES: LIMITES E POSSIBILIDADES .....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
FONTES .....	53
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	55



## INTRODUÇÃO

A escolha dos sujeitos e do tema deste estudo (os trabalhadores atualmente vinculados às indústrias de moda bebê em Terra Roxa- PR) é resultado de minha trajetória de vida, trabalho e acadêmica.

Primeiro de vida e trabalho, porque o trabalho na indústria de moda bebê já fez parte de minha atividade profissional por algum tempo. Deste modo, pude conviver com outros trabalhadores, observar e ouvir suas avaliações sobre suas condições de vida, motivações, interesses e conflitos que perpassam esse ambiente de trabalho, o que me instigou a pesquisar o tema. De forma que, muitas das interpretações e avaliações que os trabalhadores indicam em suas narrativas, através das entrevistas feitas, já ouvi dos meus familiares, como da minha própria mãe. Pois, grande parte deles, reside em Terra Roxa e trabalha na indústria de moda bebê.

Segundo, como acadêmica e pesquisadora, porque este trabalho de conclusão de curso é continuidade de uma iniciação científica voluntária (PIC-V), e as questões que estão aqui sendo levantadas é uma continuidade das indagações que surgiram a partir de um diálogo inicial com as fontes feitas nesta pesquisa anterior<sup>1</sup>.

O objetivo central da pesquisa foi investigar as condições de vida de trabalhadores que se vincularam às indústrias de vestuário moda bebê no município de Terra Roxa-PR, problematizando suas relações de trabalho e como se inserem e interpretam este mercado de trabalho, dando visibilidade a estes sujeitos e suas ações na cidade.

O município possui atualmente, entre macro e micro, cerca de 113 empresas que produzem em torno de 9 milhões de peças, envolvendo aproximadamente 2.500 trabalhadores empregados diretamente, o que segundo a noção do poder público municipal “dinamiza a geração de emprego e renda do município”<sup>2</sup>. Como podemos

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Carem Aline. **Trabalhadores do vestuário em Terra Roxa**: relações de trabalho e modos de vida (1990 -2011). Projeto de Iniciação Científica Voluntária sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sheille Soares de Freitas. UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon. Trabalho vinculado ao Grupo de Pesquisa História Social do Trabalho e da Cidade e Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Junho de 2011 a Maio de 2012.

<sup>2</sup> APL da moda bebê em Terra Roxa faz balanço anual em setembro. **Agência SEBRAE de Notícias**, Curitiba. 21 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.pr.agenciasebrae.com.br/noticia/18764013/setores-estrategicos/apl-moda-bebe-de-terra-roxa-faz-balanco-anual-em-setembro/?indice=130>>. Acesso em: 25 /10/2013.

perceber em uma reportagem do jornal online Gazeta do Povo intitulada “Em Terra Roxa, a moda bebê sai do sítio e vai para as lojas”:

A cadeia da confecção infantil mudou os rumos da cidade de 17 mil habitantes e a vida de muitos paranaenses. Maria do Carmo, 42 anos, é um exemplo. Até os 38 anos, ela trabalhava nos Campos Gerais, onde plantava eucalipto. Hoje, o cenário é o mesmo, um sítio, mas agora ela não lida diretamente com a terra. Maria atua no setor de corte de roupas e também dirige o ônibus que transporta funcionários da empresa Baby Doces Momentos, confecção localizada em um sítio de cinco alqueires que produz cerca de 20 mil peças ao mês. “Agora me sinto melhor. Antes trabalhava no sol com uma bomba de 20 litros nas costas para pulverizar e plantar”, conta.<sup>3</sup>

A partir do trecho acima, percebemos que ao avaliar a dinâmica industrial no município, a reportagem aponta a relação com a produção e experiência dos trabalhos no meio rural, evidentemente para positivar a expansão desse ramo de indústria de vestuário como "salvação" da cidade, já que estas empresas “dinamiza a geração de emprego e renda do município”.

É importante entender a dimensão dessa estrutura empresarial industrial em Terra Roxa, pois esta historicidade vai abrir caminhos a serem problematizados ao longo deste trabalho.

Para desenvolver esta pesquisa, pautamo-nos na dinâmica que integra a reflexão da problemática e o processo de levantamento e análise de fontes. Esse encaminhamento inspira-se na indicação de Thompson sobre o diálogo, necessário e constante, entre teoria e evidências históricas<sup>4</sup>.

Segundo Thompson:

O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é uma hipótese; o interrogado é a evidência, com suas propriedades determinadas. O objeto do conhecimento histórico é a história ‘real’, cujas evidências devem ser necessariamente incompletas e imperfeitas.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> PARO, Denise. Em Terra Roxa, a moda bebê sai do sítio e vai para as lojas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 out. 2013. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/bem-feito-no-parana/conteudo.phtml?id=1413937>>.

Acesso em: 25/ 10/2013.

<sup>4</sup> THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

<sup>5</sup> IBIDEM. p. 49

Isso quer dizer que os historiadores podem selecionar essa ou aquela evidência, propor novas perguntas, mas isso não significa que os próprios acontecimentos passados se modifiquem, nem tampouco que seja um agregado de histórias separadas. Embora essa interpretação do processo histórico surja em resposta à pergunta formulada, nossa produção não inventa o processo e não pode modificar o “status ontológico” do passado.

É nesta perspectiva de análise que conduziremos esta pesquisa. Cabe, contudo, salientar a contribuição que esta nos proporciona para a compreensão que proponho sobre as relações de trabalho, experiências e interpretações dos trabalhadores nas indústrias de confecção de moda bebê em Terra Roxa. Para tanto, pensaremos a história em um duplo sentido: como experiência humana e como a própria narração dessas experiências, as interpretações e projeções das quais o investigador vai utilizar.<sup>6</sup>

A investigação, neste sentido, está relacionada com as problemáticas que o pesquisador se coloca no presente, que envolvem sua experiência de vida e as concepções da qual parte.

Pretendo entender a partir das experiências narradas por esses trabalhadores, como eles se inserem e interpretam este mercado de trabalho e fazem prospecções.

Segundo Thompson:

Se determos a história num determinado ponto, não há classe mas simplesmente uma multidão de indivíduos com amontoado de experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações, suas ideias e instituições. A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua definição.<sup>7</sup>

Neste sentido, para entendermos os trabalhadores, é necessária uma série de observações e análises que se expressam em suas práticas cotidianas; como eles vivenciam e se portam perante sua dinâmica de trabalho, o que possibilita sua formação cultural e social.

Para esse processo interpretativo, utilizamos cinco entrevistas que realizei com trabalhadores, no intuito de potencializar as elaborações construídas por esses sujeitos sobre as motivações, interesses e conflitos, ou seja, memórias produzidas sobre

---

<sup>6</sup> VIEIRA, M. P.; PEIXOTO, M. R.; KHOURY, Y. A. **A pesquisa em História**. 4ª ed. São Paulo: Ática. 1987.

<sup>7</sup> THOMPSON, E. P. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. **A formação da classe operária Inglesa: a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz Terra. V. I, 1987. p. 11-12.

trajetórias e experiência social compartilhada nas relações dentro e fora das indústrias de vestuário na cidade.

Como um dos métodos de pesquisa foi trabalhar com fontes orais considero importante apontar algumas dificuldades que encontrei ao realizar algumas entrevistas. Mesmo o município empregando mais de 2.500 trabalhadores na indústria de confecção, minha principal dificuldade foi encontrar trabalhadores que se dispusessem a realizar as entrevistas.

Aqueles que aceitavam, só concordavam em produzir a entrevista quando alguém muito próximo deles me apresentava. O fato de alguns trabalhadores aceitarem, não excluiu a desconfiança e insegurança que estes possuíam em relação às entrevistas.

Desta forma, a insegurança dos trabalhadores sobre se poderiam falar ou não a respeito de suas relações de trabalho, juntamente com a minha falta de experiência em saber lidar com essas inseguranças, prejudicaram o desenvolvimento das entrevistas. As respostas ficaram limitadas ao roteiro, muitas vezes limitadas ao “sim” ou ao “não”. Pois além da timidez ao saberem que estão sendo gravados, ainda tive que lidar com o receio dos entrevistados ao exporem sua trajetória e condições de vida.

As entrevistas orais não foram produto de técnica, mas das relações que consegui desenvolver com esses trabalhadores. Portanto, o método de utilizar fontes orais consiste em trabalhar com a subjetividade dos indivíduos lidando com as questões postas pelos entrevistados a partir de minhas próprias questões.

Neste sentido, o diálogo com Alessandro Portelli e com outros autores ajudou a compreender que essa relação entre entrevistado e entrevistador não é um objetivo muito fácil de ser alcançado, pois as pessoas reinterpretem e dão novos significados aos acontecimentos passados em função do que vive no presente, ou espera viver. Ou ainda encobrem sentimentos e interpretações, por censura, repressão, temores, ou pela pouca disposição em falar<sup>8</sup>.

Ao utilizar a fonte oral foi importante dialogar com a produção de Alessandro Portelli, o qual contribuiu para a construção de um procedimento de análise, para a produção das fontes orais e do olhar lançado sobre esse material. O uso de tal fonte na pesquisa permitiu o enfrentamento da dinâmica contraditória de valores e práticas que compõem escolhas, pressões e expectativas desses sujeitos sociais.

---

<sup>8</sup> KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da História. In: **Outras histórias: memórias e linguagens.** (Org.) Laura A. Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara A. Khoury. São Paulo: Olho d' Água, 2006. p.33.

Nesse sentido, permite maior visibilidade política da classe trabalhadora, com suas divisões e processos de identificação na condição de classe compartilhada, produzindo assim uma interpretação histórica comprometida com o potencial de luta e intervenção social desses trabalhadores. Essa investigação também traz como enfrentamento lidar com os limites dessa fonte, como as dificuldades de conseguir a aceitação da gravação da entrevista e contatar trabalhadores.<sup>9</sup>

O intuito de usarmos a fonte oral nesta pesquisa inspira-se nesta perspectiva de Portelli. Buscamos o trabalho com as entrevista não como confirmação de uma “tese” inicial, mas sim com a intenção de dar visibilidade às interpretações construídas pelos trabalhadores que se vincularam às indústrias de moda bebê em Terra Roxa.

Para tal, associamos essa documentação com matérias jornalísticas e fichas de inscrição em cursos (de corte, costura e bordado) na Escola do trabalho na cidade. Além da interpretação de índices estatísticos sobre empregabilidade, atividades econômicas etc.

O presente trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo busquei analisar a trajetória dos trabalhadores que atualmente estão vinculados à indústria de moda bebê, a fim de compreender os motivos que levam esses sujeitos a perceber a expansão industrial da confecção infantil como uma possibilidade de melhoria e mudança nas condições de suas vidas e na permanência em Terra Roxa.

No segundo capítulo, busco discutir a partir das experiências cotidianas e das relações de trabalho desses sujeitos, as possibilidades e limites das expectativas que estes trabalhadores estabelecem em relação ao trabalho na indústria de moda bebê, tal qual como os motivos que os levam a tomar certas posições e interpretações sobre o processo de industrialização em Terra Roxa<sup>10</sup>.

Essa intenção tenta se distanciar de determinados campos analíticos que sustentam essa "expansão industrial" como sinônimo de "desenvolvimento", arraigados na promoção de certos projetos empresariais e na historicidade "progressista" de alguns processos de expansão urbana. Ao fazer esse distanciamento, o interesse é ampliar o

---

<sup>9</sup> PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n.º. 2, 1996.

<sup>10</sup> As indústrias de Terra Roxa estão inseridas no Arranjo Produtivo Local (APL), criado em 2004 para oferecer subsídios e aperfeiçoamento aos empresários. O APL da moda bebê visa, entre outros aspectos, maior eficiência de inserção dos produtos da indústria de vestuário no mercado, maior poder de negociação de preço da matéria-prima, atração de novos prestadores de serviços ao município e otimização de custos com a qualificação da mão de obra. Esse "assessoramento" procura oferecer ao empresariado condições de mercado e apoio para fixação em determinadas regiões.

campo de análise, apresentando contradições e tensões nesse percurso, dirigindo atenção aos trabalhadores, mais do que à fábrica e ao sistema produtivo por ele mesmo.<sup>11</sup>

Ao realizar esta pesquisa, minha preocupação se pauta em mostrar que estes sujeitos são seres conscientes de sua posição enquanto sujeitos sociais, e procuro ressaltar que estes trabalhadores fazem parte deste processo histórico enquanto indivíduos ativos, mesmo que indiretamente intervenham nos rumos e ritmo dessa expansão industrial.

Assim, busquei com este trabalho, explorar a partir das narrativas dos trabalhadores e de suas experiências, entender não somente estes sujeitos, mas as expectativas que estes constroem e as relações que estabelecem com o trabalho para a promoção de seus interesses.

---

<sup>11</sup> O trabalho de Godoy procura fazer um percurso acadêmico das nuances e alterações na abordagem do universo fabril. Assim como Paoli, Sader e Telles recolocam alguns enfrentamentos - na percepção de suas atuações e construção de sentidos - para aqueles que procuram perceber os trabalhadores neste cenário operário brasileiro. Ver:

-GODOY, João Miguel T. A fábrica e o Mundo fabril nos Estudos Acadêmicos brasileiros. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n°. 52, p. 175-203, Jan/Jun. 2010.

-PAOLI, Maria Célia. SADER, Eder. TELLES, Vera Silva da. Pensando a Classe Operária: Os Trabalhadores Sujeitos no Imaginário Acadêmico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n°. 06, p 14, 198

## CAPÍTULO 1

### TRABALHADORES ENTRE O CAMPO E A MODA BEBÊ

[...] Com o tempo, depois que essas empresas de...de criança começou a surgir, as coisas ficaram mais fáceis né? [...] <sup>12</sup>

Neste capítulo vamos analisar a trajetória dos trabalhadores que atualmente estão, ou que em algum momento de suas vidas estiveram, vinculados às indústrias de confecção de moda bebê do município de Terra Roxa- PR, mas que trazem, em sua trajetória uma relação com o trabalho, moradia e valores advindo do campo. O objetivo é problematizar suas avaliações frente à “expansão” industrial do município e como essa dialoga com seus interesses e necessidades.

Ao analisarmos algumas entrevistas de trabalhadores vinculados a estas indústrias, foi comum encontrar, assim como na narrativa citada na epígrafe deste capítulo, narrativas nesta perspectiva, na qual os empregos gerados pela industrialização são interpretados como possibilidade de melhoria na condição de vida dos trabalhadores. Percebemos assim, que o município está constantemente sendo indicado como um grande polo de empregos, mas essa indicação não resume as ponderações que fazem sobre a presença industrial em Terra Roxa - porque também apontam elementos que contradizem essa presença.

Buscaremos então, dialogar com as fontes orais, produzidas com trabalhadores que se relacionaram com indústria de confecção, procurando discutir, também, alguns trabalhos acadêmicos que analisam práticas dos trabalhadores em Terra Roxa. A fim de compreender a trajetória destes sujeitos e os motivos que os levam a perceber a expansão industrial da confecção infantil como uma possibilidade de melhoria e mudança nas condições de suas vidas.

Para compreendermos melhor estas interpretações, fez-se necessário analisar o percurso de relações e experiências que construíram. Para isso, foi importante

---

<sup>12</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa do entrevistado. Terra Roxa. 17/09/2011.

dimensionar a cidade na década de 1970. Momento em que se intensificou a mudança destes trabalhadores do campo para a cidade (ou ainda para outras regiões), ou seja, este foi um período de mudanças marcantes nas relações de trabalho, onde morar e como viver não só no município, mas possível de identificar em outras cidades brasileiras.

No trabalho de Ana Amélia Camarano e Ricardo Abramovay há o interesse em apresentar "os movimentos migratórios que respondem pelo processo de esvaziamento da população rural no Brasil". Os autores observam que até 1980 houve um crescimento absoluto do saldo populacional que deixou as áreas rurais brasileiras. Aproximadamente 40% da população que vivia nas áreas rurais no começo dos anos 70 migraram nessa década. O fluxo que deixou o campo nos anos 80 também foi expressivo: 1/3 de todos os que viviam no meio rural em 1980 saíram durante esse período, o que representou aproximadamente 13 milhões de pessoas.<sup>13</sup>

Em termos nacionais, a intensidade do movimento de "desruralização", segundo os autores, parece não ter diminuído muito nos últimos 50 anos. Entre 1950 e 1980, as áreas rurais das regiões Sudeste e Sul forneceram um volume expressivo de novos moradores para as áreas urbanas<sup>14</sup>. Para os autores, como realizavam a pesquisa em fins da década de 1990 suas impressões indicavam uma continuidade desse processo:

Desde 1950, a cada 10 anos, um em cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração. Os anos 90 não arrefeceram em muito esta tendência: se as taxas de evasão do meio rural observadas entre 1990 e 1995 persistirem pelo restante da década, quase 30% dos brasileiros que então viviam no campo em 1990 terão mudado seu local de residência na virada do milênio.<sup>15</sup>

Ainda que os autores analisem no campo da geografia demográfica apoiando-se na noção de êxodo rural, estes trazem "o modo de vida no campo" como incômodo para a realização da pesquisa, traduzido nas movimentações desses brasileiros entre o campo e a cidade alterações não só espaciais, mas no modo como vivem e enfrentam determinadas relações de poder.

Estes se movimentam de acordo com as expectativas e interesses que produzem como necessidades, reorganizando as relações de trabalho e modos de vida diante de pressões de reestruturação da produção e da ocupação das áreas rurais brasileiras da

---

<sup>13</sup> CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: Panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 1999. Texto para discussão N° 621.

<sup>14</sup> IBIDEM.

<sup>15</sup> IBIDEM. p. 6.

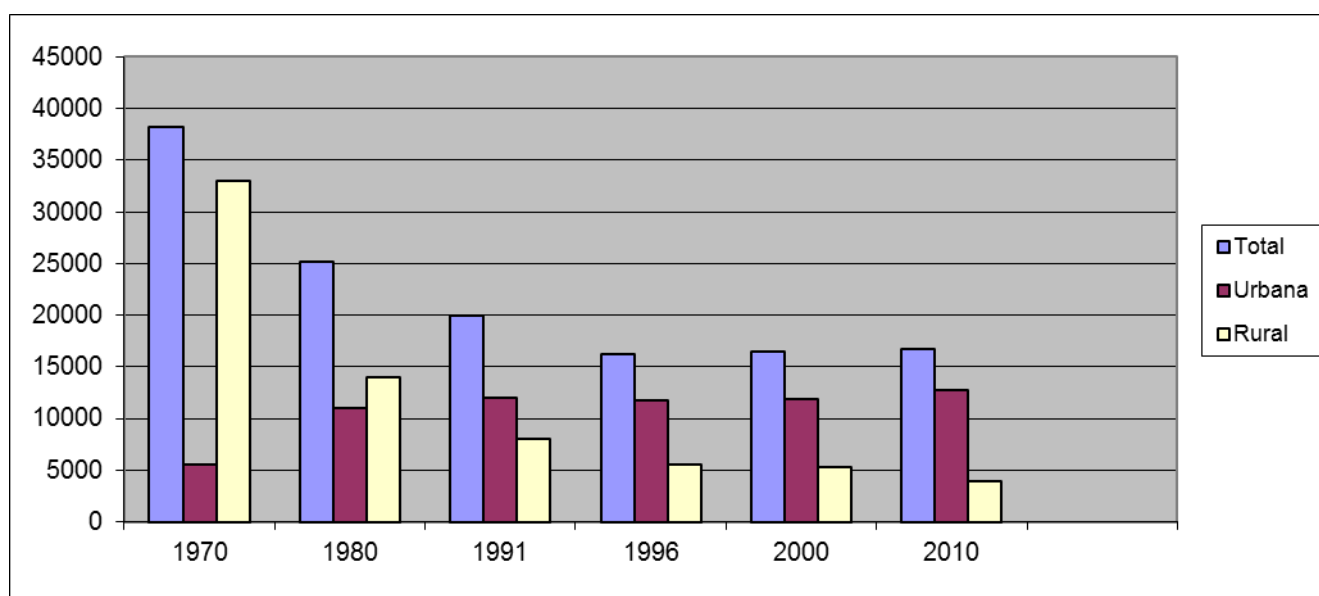


segunda metade do século XX aos dias atuais. Entretanto, essa rearticulação desigual não retira confrontos e práticas residuais que permanecem nesse processo de disputa na promoção da capitalização das atividades e permanência no campo.

De acordo com o censo demográfico do IBGE<sup>16</sup>, até meados da década de 1970, aproximadamente 84% da população terraroxense concentrava-se na área rural do município. Uma evidência da importância desse setor e onde estavam concentradas as principais práticas de trabalho, moradia e sociabilidade desses sujeitos.

Como podemos observar no Gráfico 1, as alterações na população do município exibiu (e também exigiu) fortes alterações nas últimas décadas do Séc. XX:

**Gráfico 1**



Fonte: IBGE: Censo Populacional (1970, 1980, 1991, 1996, 2000, 2010)

Após a década de 1970, há um decréscimo significativo na população total e, principalmente, na rural do município. Podemos perceber que até a década 1980 a distinção entre o rural e o urbano continua, ainda assim acentuada, mas se aproximando. Nas décadas posteriores essa relação começa a ter uma inversão. A partir da década de 1990, a população que permaneceu em Terra Roxa passa a concentrar-se mais na área urbana do município, algo que indica outras reorganizações. Uma delas vinculada à expansão agroindustrial e ao processo de investimentos no setor de indústria de vestuário, moda bebê.

<sup>16</sup> Ver: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=412740&search=paranalterra-roxa>> Acesso em: 18/10/2013.

Segundo Maria Luiza Guareschi, em seu trabalho sobre o uso de agrotóxicos no município de Terra Roxa, esse processo de alteração populacional e de concentração urbana foi resultado da intensificação da utilização de máquinas, equipamentos e insumos químicos, que provocou sensível modificação nas relações sociais de produção na agricultura. Esse processo, viabilizado com o auxílio do Estado, créditos e incentivos, de acordo com a autora, promoveu a expansão da grande empresa agrícola em moldes capitalistas na cidade.<sup>17</sup>

A seu ver, essa expansão provocou a destruição de milhares de pequenas unidades de produção baseadas no trabalho familiar, através do qual o produtor obtinha o produto necessário ao sustento de sua família e comercializava o excedente na cidade, em muitos casos diretamente com o consumidor.

Nesta perspectiva, segue também a interpretação de Liane Adiers Frederico, que discutiu as experiências de mulheres boias-frias do distrito Santa Rita D'Oeste, em Terra Roxa. A autora parte dessa avaliação em que a “modernização do campo” provocou sensível modificação nas relações de trabalho. Concluindo que:

Os grandes proprietários compravam as terras de quem não conseguia acompanhar todo esse processo das novas relações agrárias. Ora com recursos próprios ou com recursos de terceiros (financiamentos em cooperativas e bancos), eles continuaram a produzir, mantendo seu patrimônio. Assim, muitos dos pequenos proprietários rurais não conseguiram acompanhar as inovações tecnológicas, fazendo com que desistissem da atividade rural e se mudassem para a zona urbana de Terra Roxa<sup>18</sup>.

No entanto, não podemos atribuir a evasão populacional ou a inversão da população rural para a urbana – como nos é demonstrado no gráfico 1 - especificamente ao projeto estatal de modernização do campo. É claro que a intensificação do uso da maquinaria pressionou este processo, mas não o definiu exclusivamente, foi necessário alterar as formas de relacionar-se, para o trabalho e morada no campo, algo que não aponta um processo tranquilo.

---

<sup>17</sup> GUARESCHI, Maria Luiza. **O uso de agrotóxicos no município de Terra Roxa de 1970 a 1990**. Trabalho de conclusão de curso(Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 1995.

<sup>18</sup> FREDERICO, Liane Adiers. **Mulheres e trabalho: experiências de mulheres bóias-frias de Santa Rita D'Oeste entre as décadas de 1970 e 1990**. Trabalho de conclusão de curso(Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 2000, p 9.

As dificuldades nas relações de trabalho no campo nas últimas décadas nos oferecem outros indícios para esta alteração do viver no campo ou na cidade. Até mesmo na produção de Schenato - que possui o marco da modernização para sua análise - ao dialogar com a trabalhadora diarista Anaide durante a entrevista, a fala sobre o cotidiano do trabalhador "boia-fria" destaca que:

A vida de "bóia-fria" é muito dura. A gente levanta às 4:00 horas da manhã prá fazer almoço e alguns serviços. Vai para o ponto de "bóia-fria" que é Bar da Ermelinda e vai de caminhão aonde as pessoas querem a gente vai trabalhar. São vários tipos de serviço: Carpir, quebrar milho, colher algodão, mas o que tem mais é carpir. Uma das dificuldades do trabalho é quando a gente vai trabalhar em um sítio que não tem nenhuma árvore a gente passa o dia todo no sol quente e a gente que é mulher e trabalha junto com homens no mesmo lugar não tem como fazer as necessidades, já aconteceu de um dia todo eu ficar sem urinar porque não tinha lugar onde eu me esconder... Tem dias que não dá prá trabalhar porque chove e tem épocas que não tem serviço, já cheguei a ficar de dois até quatro meses sem serviço, aí agente passa muita dificuldade. O que eu gostaria para melhorar a minha vida era ter emprego fixo, que quando chovesse eu pudesse trabalhar igual e receber do mesmo jeito.<sup>19</sup>

A partir da fala de Anaide, percebemos as incertezas e instabilidades que o trabalho como trabalhador rural diarista representa. Pois o trabalhador nunca sabe quando chove e quantos dias do mês pode trabalhar. O trabalhador diarista tem que lidar com as condições mais adversas de trabalho e de local de trabalho (como a falta de banheiro). Ele tem que estar disposto a realizar qualquer tipo de trabalho que lhe pedirem, como Anaide afirma "São vários tipos de serviço".

Estes serviços sempre requerem trabalho de força braçal, o que ocasiona um grande desgaste físico nos trabalhadores. Para tanto, estes estão pressionados a cumprir "direitinho" todas as tarefas que lhes fora pedido, a fim de garantirem serem chamados da próxima vez - principalmente, em um processo em que intensificava a concorrência por um número reduzido de vagas.

Porém, de todas as dificuldades narradas pela trabalhadora, à incerteza de não saber o quanto irá receber ao fim do mês se torna sua maior preocupação. A procura por um salário fixo, para "melhorar a sua vida", entre todos outros (como a precária condição de trabalho), talvez seja um dos maiores estímulos para a mudança desses

---

<sup>19</sup> SCHENATO, Gladis Bettoni. **Bóias-frias em Terra Roxa de 1975 a 1994**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 1994, p 32-33.

trabalhadores do campo para a cidade, ou ainda, para o trabalho nos galpões de indústrias de moda bebê instalados nos distritos da cidade.

Encontramos ainda, em associação com essa indicação, a narrativa do meu entrevistado José, ao questioná-lo sobre sua consideração de que o trabalho na indústria seria melhor que no campo, sua narrativa nos remete às mudanças - indicadas muitas vezes como "comodidade" - que a área urbana oferece:

Ah, porque no campo, assim, é muito afastado da cidade né? Daí na cidade tem mais comodidade, mais lazer... Pra estudar, fazer algum curso, aqui é mais fácil, porque é dentro da cidade, e lá era muito longe.<sup>20</sup>

A partir desta fala do trabalhador José de 42 anos, que hoje está vinculado às indústrias de moda bebê, mas que já trabalhou no campo em uma olaria podemos perceber que essa facilidade da cidade também se torna uma motivação. As alternativas de se especializar, estudar, são avaliadas como maiores na cidade. Isso significa para José possibilidades de melhoria de trabalho e, conseqüentemente, de vida.

Contudo, o projeto estatal e empresarial de modernização do campo, como citamos anteriormente, não deixa de ser uma das alavancas que intensificou este processo de mudança do campo para a cidade, e também de evasão populacional de Terra Roxa, como observável no gráfico1, que traz entre 1970 e 1980 um grande decréscimo na população total do município.

Terra Roxa é considerada atualmente de pequeno porte. Conforme os índices do IBGE 2010, possui cerca de 16 mil habitantes, menos da metade da população que formava o município na década de 1970. Na verdade, não há postos de trabalho atrativos, suficientemente capazes de suportar toda a demanda dos trabalhadores, mesmo reduzindo a taxa populacional. Pequenos proprietários, parceiros e diaristas que permaneceram na cidade, após as mudanças nas relações de trabalho no campo, tiveram como principal alternativa o trabalho de diarista rural, arrendatários, associado a outras atividades, também inconstantes.

A palestra proferida por Eric Gustavo Cardin no GT Mundos do Trabalho, em 2013, apresenta uma pesquisa que indica outras atividades para trabalhadores que residem em Terra Roxa, que ampliam a renda desses sujeitos e concorrem na avaliação por este ou aquele trabalho. Para tanto, Cardin buscou discutir a partir da trajetória dos

---

<sup>20</sup> JOSÉ (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa do entrevistado. Terra Roxa. 23/09/2011.

sujeitos envolvidos em sua pesquisa sobre o trabalho na fronteira (Brasil-Paraguai), estabelecendo sempre um diálogo muito direto, com os saberes que estes indivíduos produzem, com as trajetórias que traçam e com as experiências que acumulam no transporte e venda de mercadorias.<sup>21</sup>

O que nos chama a atenção na fala de Cardin é que ele aponta como os trabalhadores de Terra Roxa lidam com as expectativas que o trabalho na fronteira produz. Indicando-nos como alguns trabalhadores do município se inseriram no "contrabando" buscando alternativas para uma renda maior que possibilitasse a melhoria e a mudança da condição de suas vidas.

Cardin afirma que os trabalhadores entrevistados por ele estão no ápice de sua força de trabalho, são trabalhadores muito jovens entre 15 e 30 anos, com baixo nível de escolaridade, muitas vezes nem completaram o ensino fundamental. Pois, há uma grande evasão escolar em função do ganho com o trabalho no transporte de mercadorias, criminalizado como "contrabando".

O pesquisador em entrevista para a composição da reportagem do jornal online Gazeta do povo, intitulada “Escolas na fronteira perdem alunos para o contrabando e o narcotráfico”, aponta que:

Escolas dos municípios limieiros ao Lago de Itaipu começam a perder alunos para o contrabando e o narcotráfico. O fenômeno, antes restrito a Foz do Iguaçu, cidade epicentro da criminalidade na fronteira do Brasil com o Paraguai, agora se espalha com força por toda a Costa Oeste paranaense. Em quatro municípios da região o abandono escolar no ensino médio é mais alto do que o patamar brasileiro, que é de 9,5%. Em sete deles, o índice supera a média paranaense de 7,9%, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) de 2011.<sup>22</sup>

A evasão escolar como discuti Cardin, está relacionada à maneira fácil e rápida com que os sujeitos que se inserem nesta prática encontram de conseguirem o que almejam. Nas entrevistas que Cardin realizou com alguns deles, estes trabalhadores apontam que não vê expectativas no estudo ou em postos de trabalho como os

---

<sup>21</sup> CARDIN, Eric Gustavo. Mesa: PARA UMA HISTÓRIA DO TRABALHO INFORMAL. I Seminário do GT Mundos do Trabalho ANPUH/PR – 2013. Universidade Estadual do Paraná. Marechal Cândido Rondon. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=ChpuUP3FC1k>> Acesso em: 22/10/2013

<sup>22</sup> ESCOLAS na fronteira perdem alunos para o contrabando e o narcotráfico. **Gazeta do Povo**, Maringá, 13 de agosto de 2012. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1285852>> Acesso em: 22/10/2013

oferecidos nas indústrias e no trabalho de diaristas no campo. Pois, o "contrabando" permite de forma muito mais rápida a "ascensão social", que muitas vezes está associada a comprar roupas e tênis de marca.

O que pretendemos ressaltar com a indicação de Cardin é que após a intensificação das mudanças nas relações de trabalho no campo e expansão da demanda de mercadorias advindas do Paraguai, o "contrabando" tornou-se uma dentre alternativas para os trabalhadores de Terra Roxa, que também se direcionam para frigoríficos em cidades vizinhas etc.

No entanto, com o processo de "modernização da agricultura", o uso desses trabalhadores deixou de ser utilizado em grande escala, ocasionando desemprego. Muitos trabalhadores ficaram sujeitos a uma situação de subempregados. Sobre isso Frederico afirma que:

Os maquinários também abalaram o trabalho volante, pois o bóia-fria foi substituído pela máquina. Onde antes se precisava de muita mão-de-obra para realizar determinada atividade rural, com a "modernização da agricultura" e com o uso de implementos agrícolas muito potentes foi se trocando a mão-de-obra pela máquina<sup>23</sup>.

A explicação de Frederico segue na perspectiva de que a mecanização da agricultura foi o único elemento para a evasão desses trabalhadores, deixando em segunda plano as relações contraditórias e conflituosas que permearam tais alterações. No entanto, como já trouxemos anteriormente, há outros indícios que percorreram este processo, que dizem respeito à interpretação dos trabalhadores frente a tais mudanças nas suas relações de trabalho. Como a narrativa da trabalhadora Berenice nos indica, quando pergunto sobre a opção de alguns trabalhadores deixarem o trabalho no campo:

Porque na roça, tipo assim, é um serviço ali que se chuvê você não trabaia, e tipo assim, você não é registrado, cê não tem a garantia que aquilo lá vai ter todo mês. Porque tipo assim, se você trabaia uma semana, cê não vai duas, né? Por causa do tempo, depende muito do tempo, e depende muito também de lugar, porque tem muita gente que não aguenta o sol, é muito quente durante o dia. Ai é onde a pessoa acaba optando de ir pra um serviço mais melhor, que é trabaia debaixo de uma sombra, chega em casa limpo, que nem a tia falô, entendeu? "Não, chega..." que na roça é muito cansativo, chega tudo queimada, chega suja, come a comida gelada, é difícil.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> FREDERICO, Liane Adiers. **Op. cit.** p 10.

<sup>24</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa da entrevistada. Terra Roxa. 30/01/2013.

Na fala de Berenice podemos perceber que a mudança do trabalhador do campo para a cidade pode estar relacionada à busca por uma condição melhor de trabalho. O trabalhador rural ao mudar para a cidade, perdendo a possibilidade de viver na terra do patrão, busca também um trabalho que lhe proporcione “benefícios”, que o anterior não lhe oferecia. Porém, quando indago o trabalhador Carlos sobre a “preferência” dos trabalhadores pela indústria ele me diz que:

Hoje sim né? Porque hoje, a roça é mais mecanizada né? Então pra você carpir uma roça... Tu não vai carpir mais uma roça, você vai passar veneno. Hoje quem predomina mais é quem tem maquinário, as coisas assim né? A mão de obra mesmo... assim humana, é mais escassa né?<sup>25</sup>

Observamos na fala do trabalhador uma noção distinta da explicação estrutural da modernização no campo, ele fala desse processo de mecanização e mudança nas relações de trabalho, mas indicando como os trabalhadores viram e atuaram ao lidar com essa "nova" dinâmica.

Muitos desses trabalhadores observaram (e ainda observam) este processo visando novas possibilidades para melhoria das condições de seu trabalho e de suas vidas. Na obra de Frederico ela traz a narrativa de uma trabalhadora diarista que se aproxima da percepção de Carlos:

Ah! Agora a vantagem... a terra é mais limpa, já não tem mais aquele perigo de encontrar mais com cobra, essas coisas assim, bicho qualquer... Então, agora está mais limpo, porque o veneno também ajuda bastante. [...] Aí é ser a vantagem... é que agora está mais limpo que antes, que antes era muita coisa, era demais... Mas, se gente não fizesse bonito mesmo, a gente ficava sem trabalho.<sup>26</sup>

Na narrativa da trabalhadora, fica clara a vantagem do uso de agrotóxicos para ela. Estes, além de auxiliarem na diminuição de animais peçonhentos, que muitas vezes se tornavam um perigo para os trabalhadores rurais, diminuem também o próprio trabalho que a diarista teria em capinar a terra. Nota-se, que ela, apesar de todas as “desvantagens” da “modernização do campo”, vê neste processo a melhoria, mesmo que pequena, nas condições de seu trabalho - pois avalia que o período em que tinha

---

<sup>25</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa do entrevistado. Terra Roxa. 17/09/2011.

<sup>26</sup> FREDERICO, Liane Adiers. **Op. Cit.** p.11.

trabalho no campo também este era disputado, e caso "não fizesse bonito", "ficava sem trabalho".

Ainda que o agrotóxico - a médio e longo prazo - também possa trazer-lhe complicações de saúde, sua avaliação associa o uso desse produto à redução de trabalho pesado e rendimento de sua produção - critério que aumento sua importância à medida que a concorrência por essas vagas também ampliaram.

É evidente, no entanto, que as alterações na dinâmica de trabalho e produção no campo reduziram as perspectivas de trabalhadores que tinham seus modos de viver e trabalhar associados a esse processo. Pois, a aplicação de herbicidas mata grande parte das ervas daninhas, diminuindo assim, o trabalho para essa função. Como narra a trabalhadora Diomara, também no trabalho de Frederico, ao ser questionada sobre a perda de trabalho, que para a autora devia-se à "modernização da agricultura":

Mudou para pior, porque o serviço acabou, acabou todo o serviço, é difícil, cada vez se fica mais pobre, não tem mais serviço. Antigamente [...] nossa! Na porta era cinco, seis pessoas chamando você para trabalhar. Você ficava até dividida. Porque um chamava você, outro chamava. Cinco, seis queriam que você trabalhasse pra eles. Hoje em dia [2000] não tem mais [Pausa].<sup>27</sup>

Através da narrativa da trabalhadora, percebemos com clareza que o processo de alteração nas relações de trabalho no campo diminuiu a utilização de diaristas, O que é registrado pela trabalhadora diante da ausência dos "gatos" e das possibilidades desses trabalhadores diaristas decidirem pelos melhores pagamentos e tarefas.

A procura por trabalhadores diminuiu drasticamente, mesmo que a quantidade de trabalhadores não correspondesse à diminuição de ofertas de trabalho. As oportunidades de serviço foram se tornando cada vez mais escassas, ocasionando um maior empobrecimento da população terraroxense ao final da década de 1990. Essa condição, associada a retirar de famílias agregadas das terras, fez com que muitos desses trabalhadores se destinassem a outras cidades, ou ainda comesçassem a se propor a novos trabalhos, como o trabalho nas indústrias de bordado.

O secretário municipal de indústria comércio e turismo, Moacir Carlos Comerlato, apresenta em 2011 um panorama do município neste período.

Se você buscar na História desse município, até o início dos anos 90, essa Terra Roxa, talvez você não estava nem nascida ainda, mais essa

---

<sup>27</sup> FREDERICO, Liane Adiers. **Op. Cit.** p. 10



Terra Roxa era a cidade dos boias frias, uma cidade pobre, uma cidade com uma situação muito difícil, uma cidade onde o poder público chegou a ficar ai 6 ou 7 meses sem pagar os seus funcionários públicos. Então o município era um município em decadência, um município falido, vamos dizer assim.<sup>28</sup>

Ao procurar distinguir o momento da nova administração com as décadas anteriores, o secretário sugere que a falta de trabalho no município, além do empobrecimento da população, correspondeu a uma grande queda na economia da cidade, retirando os privilegiamentos e direcionamentos de atividades que ocorreram nesse processo.

O "município" estava em crise, não havia perspectivas de trabalho e ganho financeiro, mas para quem? A alternativa mais acessível e costumeira para empregadores rurais, vinculada ao trabalho de diaristas, parecia não suportar toda a demanda, ainda mais com baixos valores de pagamento, devido ao grande número de trabalhadores à disposição.

Em 1990 começa a despontar as primeiras indústrias de moda bebê no município, que se vinculavam aos interesses de expansão urbana e econômica do empresariado e administradores municipais. Sobre a noção de alternativa de setor produtivo para as indústrias desse setor, Moacir afirma que:

A indústria da moda bebê, ela veio... ela trouxe um novo dinamismo pra nossa cidade. Você pode vê que o município de Terra Roxa, quem passou aqui a 5 anos atrás e passa hoje, ou passou a 10 [anos] passa hoje, ou ficou 2 anos, 1 ano sem visitar o município, a cada vez que você vem aqui, percebe que o município está se modernizando, a cidade é diferente. Se você passar na avenida do município, as fachadas das lojas, do comércio ai, estão todas elas modernizadas, todo mundo trabalhando nessa área. Então, houve um ganho muito grande, Terra Roxa hoje é uma cidade em pleno desenvolvimento.<sup>29</sup>

Na fala de Moacir percebemos, que as indústrias de confecção e os empregos gerados por esta, vai promover uma movimentação da economia da cidade, indicada por ele como “um novo dinamismo”, pois, as empresas e empregos geram renda e possibilidade de consumo, otimizando também o comércio.

A fala do político da cidade vem repleta da promoção das últimas intervenções municipais para apoio às indústrias de moda bebê. Ao fazer isso retira desse "pleno

---

<sup>28</sup> COMERLATTO, Moacir Carlos. Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na escola do trabalho. Terra Roxa. 03/10/2011.

<sup>29</sup> IDEM.

desenvolvimento" as limitações experimentadas por trabalhadores e pequenos proprietários ao se verem diante da expansão dos empreendimentos agroindustriais<sup>30</sup> e do APL do vestuário na cidade.<sup>31</sup>

No entanto, essa perspectiva leva a noção de que o trabalho como diarista foi substituído pelo trabalho na indústria, como se este último tivesse se extinguido e mecanicamente contemplando os trabalhadores desempregados e advindos do trabalho e vida no campo. Já que, conforme o secretário, “todo mundo está trabalhando nessa área”.

Mas quando pergunto ao senhor Moacir, também secretário da Escola do Trabalho, se em algum momento houve dificuldades em fechar as turmas para os cursos profissionalizantes<sup>32</sup> ele diz que “houve momentos onde, há uns 4 ou 5 anos aí, que nós tínhamos dificuldade em montar essas turmas, não tinha demanda, a pessoa, o interessado em fazer o curso”<sup>33</sup>. Algo que permite observar contradições nesse processo de industrialização no município, desmistificando a noção de que os trabalhadores tivessem se dirigido às fábricas assim que essas surgiram, ou que ainda esse processo foi plenamente aceito como melhoria para os trabalhadores e produzido para tal finalidade.

De forma que, ainda hoje encontramos trabalhadores vinculados ao trabalho rural e convivendo com vagas também fora da cidade. Como indica a reportagem da folha de São Paulo, intitulada “Agricultura depende de migrante”.

A matéria data o ano de 2010, fala da falta de mão de obra em Estados como Minas Gerais e São Paulo e a necessidade de migração de trabalhadores para estes Estados. Dentre os Estados que fornecem trabalhadores está o Paraná, no qual é citado o município de Terra Roxa:

---

<sup>30</sup> Segundo o IPARDES (Caderno estatístico do município de Terra Roxa) de 2011, dentre a produção geral do município ano, podemos destacar: Galináceos (galinhas, galos, frangos(as) e pintos) com 1.165.800 animais; soja com 166.960 quilos; mandioca com 63.330 quilos; bovinos com 30.720 animais; suínos com 13.100 animais e leite com 9.100 litros. Cf. IPARDES. **Caderno estatístico do município de Terra Roxa**. Curitiba: IPARDES. 2011

<sup>31</sup> A APL (Arranjo produtivo local) da moda bebê de Terra Roxa, caracteriza-se por conter um aglomerado de empresas especializadas na confecção de roupas infantis de 0 a 3 anos, localizadas no município. Tem como objetivo central aumentar a competitividade e gerar novas ocupações nas empresas participantes do segmento Moda Bebê em Terra Roxa, por meio da elevação do grau de inovação, da participação de mercado e da produtividade. Essa especialização produtiva se difere do perfil produtivo da região, especializada na agropecuária e na agroindústria.

<sup>32</sup> A Escola do Trabalho de Terra Roxa oferece cursos profissionalizantes que qualifica trabalhadores para alguns setores das indústrias de confecção, instaladas na cidade.

<sup>33</sup> COMERLATTO, Moacir Carlos. Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na escola do trabalho. Terra Roxa. 03/10/2011.

Terra Roxa, no oeste paranaense, é um exemplo. Desde 2005, a prefeitura organiza a ida de trabalhadores para o Triângulo Mineiro; paga metade do custo do transporte e o fazendeiro, a outra metade.<sup>34</sup>

O que nos chama a atenção nesta matéria, é que ela nos indica a presença de trabalhadores diaristas no município e com essa disposição - de ir e voltar - ou ainda continuar vinculado ao trabalho no campo, mesmo que em temporadas. Uma presença tão significativa que faz com que haja um investimento da economia local em função de garantir emprego a estes trabalhadores, ao mesmo tempo, que tenta garantir o retorno dos mesmos para a cidade - trabalhando fora por temporadas. Nota-se assim, que o campo de trabalho ofertado pela industrialização não é uma opção de “excelência” entre os trabalhadores e na própria arrecadação municipal.

As possibilidades de trabalho ofertadas pela indústria aparecem como uma alternativa para estes trabalhadores, na perspectiva de melhorar suas condições de vida ou de trabalho, de acordo com as necessidades e interesses que os trabalhadores possuem e elegem como prioridade, ou ainda pela constante disponibilidade de vagas - com contratação quase que imediata. Além disso, alguns elementos aparecem, ora ou outra, como pressão para a decisão por essas vagas, seja pelo salário fixo, seja por perceber no trabalho fabril determinados “confortos” que o trabalho como diarista, dentre outros, não os oferece.

Neste sentido, a trajetória de Maria pode nos indicar como parte destes trabalhadores, que compartilham determinadas condições de vida e experiência de classe, passam a interpretar o trabalho fabril como possibilidade e perspectiva de melhoria de condição. Maria se vinculou novamente ao trabalho na indústria apenas no ano de 2009, antes disso ela trabalhava como diarista rural. Quando indago a trabalhadora se ela se mudaria de trabalho se conseguisse uma oportunidade melhor em outra cidade ela me disse que:

Ah tinha que ser muito bem estruturado, muito bem organizado, pra ver... porque, eu já fui pra fora trabalhar assim... e as criança pequena, pra mim não teve vantagem não.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> AGRICULTURA depende de migrante rural. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de junho 2010. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1306201011.htm>>. Acesso em: 15/10/2013

<sup>35</sup> MARIA (pseudônimo).Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa da entrevistada. Terra Roxa. 30/01/2013.

Na fala da trabalhadora percebemos que tem uma certa insegurança quanto à mudança. Para ela se mudar, teria que ser uma oportunidade muito boa “muito bem organizada”. Pois, Maria já havia se mudado do município outras vezes, em busca de novas oportunidades. No entanto, a experiência que a trabalhadora teve ao se mudar com os filhos e o marido para Conceição da Aparecida-MG em 2001, não atingiu as expectativas que a trabalhadora tinha, como ela mesmo afirma “não tive muita vantagem assim”.

Em 2007, Maria o marido e os filhos se mudaram novamente. Desta vez para Uberlândia-MG. A trabalhadora afirma que se mudaram porque ela e o marido “não se demo na fábrica”<sup>36</sup>.

Em Uberlândia assim como em Aparecida da Conceição ela e o marido foram trabalhar de diaristas rurais. Sobre essas tentativas de reorganização da vida - ganhar mais, acumular dinheiro, construir possibilidades - a trabalhadora diz que “Eu mexia com café, na roça né? Aí eu fui duas vezes, mais me arrependi de ter ido”. Quando pergunto o porquê se arrependeu, ela diz que:

Porque tive gasto né , a gente não teve lucro. Da primeira vez que eu fui tivemos que vir às pressas porque minha sogra tinha falecido, tivemos que gastá o que não tinha né? O que tinha ganhado né? Nois foi com plano de na época juntá dinheiro pra construir nossa casa, que a gente não tinha casa né? [Antes] Morava nos fundo da casa da minha sogra, a gente tinha nosso terreno, então foi onde que não deu certo né? A gente tinha recém começado a vida, tinha a Milena pequena, ai fumo... só voltemo pra buscar as criança. Que as criança tinha ficado né? A pessoa que cuidava das minha criança... Então foi tudo muito rápido, não deu pra trazer eles na época, porque ela tinha falecido né? Então tinha que vim logo, pra dar tempo de pegar o ônibus né, senão tinha que vim de avião, e avião nois não tinha condições de pagá né? Então foi tudo muito rápido, as criança ficou lá com a mulher, ai enterremo tudo aqui, ai voltemo peguemos as criança, trabalhamos mais uns dia (pra poder cobrir né? as dívida) e viemos embora, mais não viemos embora com vantagem não, viemos embora com desvantagem<sup>37</sup>.

Notamos na narrativa da trabalhadora que o maior motivo para o casal ter voltado para Terra Roxa foi o falecimento da sogra, nada estruturalmente definido no campo de projetos econômicos. Pois, o que haviam construído diante das pressões em Terra Roxa é que a saída era para “juntá dinheiro pra construir nossa casa”, algo que não se realizou pela motivação familiar.

---

<sup>36</sup> IDEM.

<sup>37</sup> IDEM.

As dificuldades que a trabalhadora e o marido tiveram na primeira mudança, pelo fato da sogra ter falecido e estes gastarem tudo o que tinham juntado até então com a viagem feita às pressas, pode ser um dos motivos que levou o casal a tentar mais uma mudança para Uberlândia, já que os motivos para as expectativas da primeira mudança não se realizar foram bem específicos e alheios às suas ações. Mas como percebemos na narrativa de Maria a segunda mudança insuficiente para atender às expectativas do casal.

Nesta perspectiva a trabalhadora Maria, nos dá indícios sobre as alternativas construídas e avaliadas pelos trabalhadores ao se decidirem, ou não, pelo trabalho fabril. Quando lhe perguntei quais as diferenças que percebia entre trabalho na roça e trabalho na fábrica ela me disse que:

Que na roça se levanta cedo, é muito bom, eu adoro ir pra roça, se faz o rango, que nem falava né? Rango, a comida tá gelada, chega toda suja cansada. Às vezes você não quer ir, mais a precisão fala mais alto, então cê tem que ir, pra ganhar um dia a mais né? E na fábrica não né? Chega limpinha, cê não chega suja. Cê chega cansada, mais cê chega ali com os pezinho limpo, com as mãozinha limpa né? Limpinha... as vantagem é essa. Tem muita vantagem né? Cê quer uma coisa, cê tem um dinheirinho pra você comprar , às vezes você tem uma continha no mercado, cê abre e vai lá e pega o que você qué né? Então é isso, na roça não, lá na roça se trabaiava semana inteira pro cê recebê no sábado, e era um dinheirinho sofrido né?<sup>38</sup>

Podemos perceber a partir da narrativa de Maria, que apesar de dizer que gostava de ir para a roça, o sofrimento do trabalhador diarista se sobressai. De todas as dificuldades relatadas pelos trabalhadores, não ter uma renda fixa é uma das maiores preocupações, e quase sempre aparece em suas narrativas. Por isso, o trabalho na fábrica ganha um sentido de melhora, na relação com condições piores de trabalho - que na avaliação da entrevistada estão na condição visual que ela expõe, a dificuldade em conseguir crédito no comércio, no ganho certo na fábrica e não por dia de trabalho.

O salário fixo é sinônimo de estabilidade para parte destes trabalhadores, é como Maria relata, ela pode fazer a sua “continha no mercado”. A fala da entrevista ainda nos indica que o certo conforto que o trabalho da fábrica lhe oferece, o “chegar limpinha em casa” aparece como mais uma motivação para ter optado pelo trabalho na indústria.

É perceptível todas as dificuldades e precarizações de um trabalhador diarista. Para estes trabalhadores, decorrentes desta realidade tão difícil, um salário fixo no fim

---

<sup>38</sup> IDEM.

de cada mês, o poder trabalhar na sombra, a melhoria nas condições de trabalho por menores que sejam, e o campo de possibilidades que este trabalho fabril pode lhes oferecer, se tornam muito atrativos - mudar de função e salário, abrir uma facção etc., como perceptível em falas e fichas de inscrição para cursos de corte, costura e bordado na Escola do Trabalho

Quando do início deste capítulo citamos a fala de Carlos, em que ele diz “Com o tempo, depois que essas empresas de... de criança começou a surgir, as coisas ficaram mais fáceis né?”<sup>39</sup>, ele está se referindo às possibilidades que o trabalho nas indústrias permitem aos trabalhadores de Terra Roxa que não querem continuar em determinadas relações de trabalho tidas por ele como piores do que as industriais.

Para tanto, no próximo capítulo buscarei dialogar com a interpretação de alguns trabalhadores que atualmente estão vinculados às indústrias de moda bebê. A fim de compreender a partir de suas narrativas, as possibilidades e limites de suas expectativas, tal qual como os motivos que os levam a tomar certas posições e interpretações sobre do processo de industrialização em Terra Roxa.

---

<sup>39</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa do entrevistado. Terra Roxa. 17/09/2011

## CAPÍTULO 2

### TRABALHO E TRABALHADORES: LIMITES E POSSIBILIDADES

“Terra Roxa/ Capital da moda bebê  
Do Paraná para o Brasil, uma onda de emoção e carinho”<sup>40</sup>

Ao analisarmos notícias relacionadas às indústrias de moda bebê de Terra Roxa, não é difícil encontrar expressões como a indicação de “Capital da moda bebê”. O município é frequentemente indicado como tal, além de ser apontado como um grande polo de empregos.

No entanto, o que nos chama a atenção, é que há um grande número de investimentos voltados para esse setor na cidade, mesmo não sendo a principal atividade de conjugação do produto interno bruto do município. Percebemos assim, que há um grande destaque dado ao desenvolvimento industrial na cidade, pela mídia local<sup>41</sup>.

Nota-se a necessidade do governo municipal em destacar a industrialização como carro-chefe, mesmo não sendo a principal atividade econômica. Tais ações podem indicar o interesse em expandir as atividades concentradas no campo para a cidade e, além disso, investir na noção de cidade industrial que se destaca como sinônimo de desenvolvimento e modernidade, que possui a indústria como expoente.

O site do deputado estadual Stephanes Junior, traz uma notícia datada de 04 de julho de 2011, que declara “o município de Terra Roxa como Capital da Moda Bebê do Paraná. O título visa identificar o município como polo de produção de roupas para bebês, a partir da implantação de um arranjo produtivo local em 2004”<sup>42</sup>. O site ainda afirma que as indústrias de moda bebê respondem a 30% da economia e emprega um terço da população do município.

A partir dessa indicação, atrelada às notícias da mídia local – que, em geral, retratam positivamente o panorama industrial de Terra Roxa – é possível observar que o

---

<sup>40</sup> Slogan do município utilizado no site da Prefeitura Municipal de Terra Roxa. Disponível em: <<http://www.terraroxa.pr.gov.br/index.php>>. Acesso em: 18/10/2013.

<sup>41</sup> Conforme índice do IBGE-2010, o PIB da cidade tem a seguinte composição: setor agropecuário 60.579, indústria 28.337 e setor de serviços 148.564. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/#sub\\_economia](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/#sub_economia). Acessado em: 29/11/2013.

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://www.stephanesjunior.com.br/noticia.php?idnoticia=272>>. Acesso em: 12/09/2013.

processo de industrialização desta, tem sido visto como um avanço no “desenvolvimento” econômico da cidade, pois gera emprego e renda. Na fala de Moacir Carlos Comerlatto, secretário municipal de indústria, comércio e turismo de Terra Roxa, fica visível este projeto. Ao perguntar-lhe sobre a importância da indústria de moda bebê pra terra roxa:

Com a vinda da indústria da moda bebê, houve uma inversão dos valores, houve uma inversão total da economia do município. Hoje nós não temos mão de obra disponível no mercado, nós somos aqui proporcional a população, o município com o menor índice de desemprego do Estado do Paraná, aqui não trabalha quem não que. Então houve uma mudança significativa. Então, hoje a agricultura ainda continua com 70%, ela representa 70% da economia, e a indústria da moda bebê e o comércio, elas representam 30%. Mais o grande “X” da questão é o fato social dessas empresas, além dos 30% na fatia econômica, na arrecadação do município, a geração de emprego e renda no município. Hoje nós somos uma cidade privilegiada no Brasil, podemos dizer assim, seguramente no Brasil. E por consequência, nós somos conhecidos nacionalmente como, Terra Roxa capital, oficialmente, capital Estadual da moda bebê, isso já é oficial, isso já é lei. Estamos caminhando para se tornar lei também, estamos trabalhando em Brasília, pra tornar Terra Roxa capital nacional da moda bebê.<sup>43</sup>

A partir deste trecho da sua narrativa, percebemos que é dado um grande destaque à industrialização, mesmo esta não garante a maior parcela da economia da cidade. Ainda assim, as fábricas são vistas como grande polo de empregos para Terra Roxa, resolvendo, em parte, o grande problema de desemprego que assolava o município há algumas décadas atrás. Como afirma Moacir: “aqui não trabalha quem não que”.

No entanto, devemos levantar algumas problemáticas referentes às transformações geradas por essa industrialização, que vão nos ajudar a analisar por que este processo está sendo apresentado como sinônimo de desenvolvimento, mesmo não sendo a principal atividade econômica da cidade, e explicitar sua incapacidade em resolver as desigualdades e expectativas de muitos trabalhadores.

Diante disso, por que o interesse em dar tanta visibilidade a essa industrialização? Por que o grande investimento no setor? Como os trabalhadores estão enfrentando esse mercado de trabalho e interpretando esse processo em Terra Roxa?

Os registros presentes no CAGED, destacados na Tabela 1, mostram as 20 principais ocupações no município de Terra Roxa, no período de janeiro de 2003 a

---

<sup>43</sup> COMERLATTO, Moacir Carlos. Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na escola do trabalho. Terra Roxa. 03/10/2011.



janeiro de 2011. Percebemos que estes índices demonstram (ainda que limitado aos registros de trabalho com carteira assinada) um número significativo de trabalhadores vinculados à indústria de vestuário, apontando, também, o número de admissões e desligamento nesses setores.

**Tabela 1 - Índices de contratação e desligamentos de postos de trabalho - Terra Roxa**

Meses: Jan de 2003 a Jan de 2011																
CBO – Frequência	Admissões						Desligamentos									Saldo
	1º Emp.	Reemp.	Reint.	C. Prz. Det.	Transf.	Total	Disp sem J. Causa	Disp. com J. Causa	A Pedido	Term. Contr.	Aposent.	Morte	Term. C. Prz. Deter.	Transf.	Total	
Auxiliar de corte (preparação da confecção de roupas)	281	1.053	1	1	0	1.336	485	11	258	190	0	2	0	0	946	390
Supervisor de embalagem e etiquetagem	475	788	0	23	0	1.286	457	5	205	175	0	1	0	0	843	443
Costureiro na confecção em série	271	820	0	5	0	1.096	578	3	292	113	0	1	0	0	987	109
Costureira de peças sob encomenda	171	437	0	0	0	608	333	7	213	40	0	0	0	0	593	15
Passador de roupas em geral	165	153	0	0	0	318	168	1	89	2	0	0	0	0	260	58
Vendedor de comércio varejista	70	237	0	0	0	307	210	0	53	8	2	0	0	0	273	34
Bordador, à máquina	60	214	0	0	0	274	186	1	72	15	0	1	0	0	275	-1
Auxiliar de escritório, em geral	34	155	0	0	0	189	131	1	33	3	1	1	0	0	170	19
Operador de máquina bordatriz	16	170	0	0	0	186	65	2	37	10	0	0	0	0	114	72
Cortador de roupas	34	136	0	1	0	171	117	2	44	3	0	0	0	0	166	5
Frentista	20	118	0	0	0	138	76	2	19	11	1	2	0	0	111	27
Trabalhador agropecuário em geral	19	108	0	6	0	133	75	1	26	14	1	0	0	0	117	16
Operador de laminador de barras a quente	41	79	0	0	0	120	82	0	22	21	0	0	0	0	125	-5
Ajudante de confecção	112	4	0	0	0	116	20	3	25	29	0	0	0	0	77	39
Costureiro, a máquina na confecção em série	6	105	0	0	0	111	59	4	28	22	0	0	0	0	113	-2
Servente de obras	10	83	0	0	0	93	40	0	16	13	0	0	0	0	69	24
Assistente administrativo	35	52	0	0	0	87	31	0	15	4	0	0	0	0	50	37
Zelador de edifício	32	54	0	0	0	86	43	0	16	4	1	0	0	0	64	22
Operador de caixa	24	60	0	0	0	84	47	0	9	3	1	0	0	0	60	24
Repositor de mercadorias	29	43	0	0	0	72	32	0	9	4	0	0	0	0	45	27

Fonte: CAGED. Disponível em: <<https://www.caged.gov.br>> Acesso em: 29/11/2013

É possível perceber que os setores que mais contratam são os setores ligados à indústria de vestuário, desde o primeiro emprego até mesmo recontrações. No qual, entre as 20 principais ocupações, doze estão ligadas a este setor industrial, obtendo o maior número de contratações. Ao mesmo tempo, os setores ligados à industrialização também são os que mais possuem desligamentos.

Para estes desligamentos são citadas quatro principais causas: em primeiro lugar temos o maior número de desligamento por dispensa sem justa causa, em segundo lugar temos desligamento a pedido, em terceiro lugar desligamento por término de contrato, e só em último lugar desligamento por dispensa com justa causa. Mas por que há tantos desligamentos no setor industrial?

Ana Paula Serra de Araújo e Fernanda Raphaella Penhalver Marques realizaram um estudo com trabalhadoras de uma indústria de confecção e bordados de Terra Roxa, com o objetivo de traçar o perfil constitucional coreano (CC) e a sua relação com os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT).<sup>44</sup> Nesse estudo, foram entrevistadas 47 trabalhadoras, sendo divididas e classificadas em 4 tipologias, concluindo que essas doenças estavam diretamente ligadas aos DORT.

O que vai nos chamar atenção no trabalho das pesquisadoras é que através dos dados que estas trazem, podemos perceber o desgaste que o trabalho na indústria de confecção causa aos trabalhadores:

No estudo, 41(87,23%) voluntárias afirmaram sentir dor em pelo menos um local do corpo. 31 (75,60%) relataram sentir dor às vezes, 8 (19,51%) periodicamente e 8 (19,51%) constantemente. Para a maioria 31(75,60%) a dor tem origem laboral.<sup>45</sup>

As trabalhadoras entrevistadas para a pesquisa exerciam suas funções laborais no setor de corte e costura industrial. Fica evidente através do estudo que há um grande desgaste físico nos trabalhadores destes setores, considerando que 41 das 47 entrevistadas “afirmam sentir dor em pelo menos um local do corpo”. Algo que também influencia diretamente nos desligamentos, voluntários e involuntários, nos setores industriais, devido ao desgaste causado pelo trabalho e intensificação do mesmo em período de mudança de coleções.

---

<sup>44</sup> ARAÚJO, P. S; MARQUES, F. R. Perfil constitucional coreano de mulheres trabalhadoras de uma indústria de confecção e bordados de Terra Roxa- PR, e sua relação com os DORT. In: VII Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar. **Anais...** Maringá: CESUMAR, 27 a 30 de outubro de 2009.

<sup>45</sup> IBIDEM.

Para além, das questões de desgaste e doenças aos quais os desligamentos estão relacionados, não podemos deixar de levar em consideração a trajetória destes trabalhadores, suas experiências diversas, e como esses sujeitos avaliam e percebem seu espaço de trabalho, bem como as motivações que os levaram à escolha do mesmo.

Nesta perspectiva, a partir da análise de algumas fontes orais do trabalho de conclusão de curso de Marcela da Silva, intitulado “O cotidiano dos trabalhadores das fábricas de bordado da cidade de Terra Roxa (1985-2004)<sup>46</sup>” que foi elaborada a partir da análise das experiências cotidianas dos trabalhadores de fábricas de bordado de Terra Roxa, com a intenção principal de dialogar com a visão dos funcionários das fábricas, bem como perceber e discutir as atividades desenvolvidas no interior da indústria de vestuário. A partir de seu trabalho procurou problematizar as relações, interesses e motivações que permeiam o cotidiano destes trabalhadores.

Podemos perceber essas intenções de Silva, quando ela discute a entrevista da trabalhadora Aparecida, 31 anos, divorciada e mãe de dois filhos que trabalhava em uma fábrica de bordado:

Eu trabalhava na P mas parei de trabalhar pra fazê um tratamento, né? e fiquei sem trabalha, aí eu separei do meu marido e fui mora com meus pais, e o único serviço, que tinha era trabalha na fábrica mesmo, aí resolvi procurar outra fábrica, pra vê como é que era, minhas amigas falaram pra mim que está que eu trabalho hoje era melhor, dava mais prêmio de produção, tinha até churrasco no fim do ano, e tudo, aí eu fui trabalha lá, era perto de casa mesmo, aí eu fui. Só que sei lá, é gostoso trabalha lá, eu me do bem com todo mundo é um povo legal não tenho “richa” de ninguém, mais eu acho que é muita patroa pra uma fábrica só, são cinco, chega enche o saco.<sup>47</sup>

O fato de a trabalhadora ser divorciada e mãe de dois filhos, ajuda a compreender a necessidade que possuía quando indica não ter outra opção a não ser procurar emprego novamente em uma fábrica. No entanto, o que queremos ressaltar em sua fala é que a escolha pelo novo local de trabalho se deu pelo fato de oferecer algumas condições que o antigo trabalho não a oferecia.

Desta forma, os desligamentos no setor industrial também estão relacionados a esta rotatividade entre os trabalhadores. Que procuram se movimentar pelos postos de trabalho oferecidos pela indústria, na busca de uma empresa que garanta maior salário,

---

<sup>46</sup> SILVA, Marcela da. **O Cotidiano dos trabalhadores das fábricas de bordado da cidade de Terra Roxa (1985-2004)**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 2004.

<sup>47</sup> IBIDEM. p. 45.

mais “benefícios”, como o chamado prêmio produção, ou mesmo que faça até “churrasco final do ano”<sup>48</sup>.

Ao analisamos as fichas para inscrição em cursos profissionalizantes, produzidas no Centro de Formação Profissional Benjamin Jose Coelho (Escola do Trabalho), foi possível avaliar - a partir do questionário sócio-econômico dos trabalhadores inscritos - alguns elementos de sua disposição a realizar aquele curso. A ficha apresenta questões sobre o atual (ou último) emprego e o que levou o trabalhador a procurar o curso profissionalizante, também podemos considerar algumas possibilidades para o excesso de desligamentos em determinados setores da indústria, assim como o vínculo aos mesmos, a idade dos trabalhadores, condições de vida etc.

Entre as respostas que mais aparecem nas fichas, quando é perguntado o porquê da escolha desse curso, encontramos respostas como: “Porque quero mudar minha função, e trabalhar em alguma empresa no setor de bordado”<sup>49</sup>. Observamos que a trabalhadora em questão estava no setor de serviços gerais em uma empresa. Isso nos indica que, na maioria das vezes, são trabalhadores buscando se especializar em um setor da indústria que aumente o seu salário, ou que proporcione melhores condições de remuneração, atividade a ser realizada, dentre outros interesses.

Além de trabalhadores que estão procurando se profissionalizar em um setor da indústria, que possibilite uma renda mais alta, percebemos também, que estes analisam o grande número de postos de trabalho dessas empresas na cidade, como uma possibilidade que lhes permite abrir outras frentes de trabalho, vinculadas ao ramo infantil: “quero aprender a costurar para fazer artesanato, como bonecos de pano, urso de pelúcia, almofadas etc”<sup>50</sup>.

O grande número de desligamentos no setor da indústria podem ser relacionados, também, com a busca pelo próprio negócio, ou ainda em aumentar a renda se desvincilhando das atividades que realizam até aquele momento, em outras áreas, ou mesmo no setor de vestuário.

É preciso considerar que ao se inscrever para o curso de “qualificação”, estes trabalhadores já estão se candidatando a uma vaga de trabalho - garantida muitas vezes antes de terminarem o curso (devido à falta de mão de obra nos setores aos quais o

---

<sup>48</sup> IBIDEM. p. 45.

<sup>49</sup> Ficha de inscrição para o curso de qualificação do centro de formação profissional Benjamin Jose Coelho (Escola do trabalho). 17/03/2011.

<sup>50</sup> Ficha de inscrição para o curso de qualificação do centro de formação profissional Benjamin Jose Coelho (Escola do trabalho). 23/07/2012

curso qualifica). Não podemos deixar de entender que, as respostas que encontramos nestas fichas podem estar diretamente ligadas à intenção destes trabalhadores de saírem do curso já empregados.

As fichas são uma forma de pré-seleção de alunos, pois cada curso tem um número de vagas limitadas. Neste sentido, as respostas destas fichas podem ser uma maneira desses trabalhadores “convencerem” que são os melhores “candidatos” ao curso, como se fosse uma pré-entrevista de emprego.

Essa possível manipulação das respostas por parte dos trabalhadores, não significa que não possamos interpretar determinados interesses, necessidades e pressões que os motivam a procurarem o curso. Mas e os trabalhadores que não se “especializam”?

Carlos que trabalha na mesma empresa há oito anos, não realizou essa "qualificação". Quando entrou na empresa trabalhava no setor de corte, especificamente na reposição de peças, após um tempo foi promovido para operador de máquina e desde então está no mesmo setor. Perguntei ao trabalhador se ele ainda possuía a pretensão de crescer dentro da empresa, e ele disse que:

Acho que hoje, no momento não. Porque eu preciso evoluir minha capacidade ainda. Tem que esperar os outros desocuparem essas vagas que tão melhor que eu, pra poder eu desejar pra mim, uma vez que eu esteja capacitado assim. Eu acho no momento, ainda não tô capacitado pra ter um cargo de mais responsabilidade.<sup>51</sup>

Na fala do trabalhador percebemos certa insegurança em relação à sua qualificação para cargos superiores ao seu. Algo que aparece como entrave a Carlos também se relaciona com sua trajetória de curta escolarização por se dedicar prioritariamente ao trabalho, mas que acaba indicando como vagas não disponíveis e necessidade de "evoluir" para não problematizar em demasia o seu caminho de trabalho e decisões na vida.

A questão é que, não há como este trabalhador se qualificar para certos cargos através de cursos profissionalizantes oferecidos no município. A Escola do trabalho oferece apenas cursos em setores da indústria que estejam com mão de obra em falta e de habilidades iniciais. Como o secretário da escola afirma quando lhe pergunto sobre como decidem os cursos que serão ofertados:

---

<sup>51</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa do entrevistado. Terra Roxa. 17/09/2011

Temos que oferecer aquilo que os empresários precisam. Então, o que, que o empresário precisa hoje? Precisa de costureiro. Então nós optamos em costura, porque é costura que eles precisam. Precisam de bordadores. Então é bordadores que temos que preparar. Precisam de pessoas pra trabalhar na área de risco e corte, o risco e corte de tecido pra que as pessoas possam costurar. Então é é.. é a demanda, eu tenho que oferecer aquilo que o empresário precisa.<sup>52</sup>

Os cursos ofertados pela escola hoje, são os de costura, bordado, risco e corte, e máquina Plotter. Portanto, trabalhadores como Carlos, que já trabalham em algum destes setores, não possuem meios de se qualificar em cargos superiores e que tenham uma remuneração mais alta. Se Carlos pretende crescer na empresa em que está, terá que se capacitar dentro da mesma, a partir da experiência adquirida no trabalho, do seu próprio esforço e dedicação, ou por formação de iniciativa particular.

Neste sentido, perguntei ao Secretário da Escola do trabalho a quem os cursos de qualificação profissional beneficiariam mais, aos trabalhadores por possibilitar a eles uma melhoria de vida ou aos empresários. Diante de tal questão, sua resposta foi:

Então, beneficia, sem dúvida nenhuma, a pessoa que precisa do emprego. A pessoa que quer mudar de emprego, por exemplo, que quer entrar no mercado de trabalho, mais também beneficia tanto quanto o empresário que precisa dessa mão de obra.<sup>53</sup>

É evidente que beneficia o empresário por ter mão de obra qualificada que não precisa de formação dentro da fábrica, até mesmo porque os cursos ofertados são de acordo com a mão de obra que estão em falta para certos setores da indústria. No entanto, não podemos esquecer qual é o perfil dos trabalhadores que procuram os cursos de qualificação, conforme o secretário:

São pessoas que nunca trabalharam formal, pessoas que estão atingido a idade mínima de 16 anos para entrar no mercado de trabalho, ou, pessoas com o nível de escolaridade um pouco baixa que querem encontrar um emprego com carteira registrada, e a única forma que encontra é através desses cursos.<sup>54</sup>

Quando analisamos as fichas de inscrição, notamos que trabalhadores com o perfil que Moacir descreve são uma pequena minoria. Grande parte dos trabalhadores

---

<sup>52</sup> COMERLATTO, Moacir Carlos. Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na escola do trabalho. Terra Roxa. 03/10/2011.

<sup>53</sup> IDEM.

<sup>54</sup> IDEM.

que buscam a Escola do Trabalho está ligada há algum setor da indústria de moda bebê e buscam se qualificar na expectativa de aumentar renda, ou ainda abrir o próprio negócio, até mesmo parceria com as indústrias maiores, como observamos anteriormente.

Supomos que em sua fala Moacir tenta legitimar a ideia de que o trabalho ligado aos setores da indústria é a única opção de emprego em Terra Roxa. Já que, para ele, o curso, é a “única forma” dos trabalhadores do município entrarem no mercado de trabalho e adquirirem carteira assinada.

No entanto, não podemos desconsiderar totalmente a concepção de que os cursos profissionalizantes da Escola do trabalho possibilitam aos trabalhadores oportunidades e expectativas na melhoria da condição de suas vidas. Pois, como observamos anteriormente o trabalhador que faz o curso sai de lá empregado. Assim como a trabalhadora Berenice nos fala porque decidiu fazer o curso e ir trabalhar na fábrica:

Eu tinha já vontade de trabaiaá. É que quando eu completei 16 anos ele [marido] não queria que eu fosse trabaiaá. Aí depois que ele caiu preso, eu tive a chance de fazer o curso e eu já gostava, via os otro costurá e pra mim... aquilo ali era pra mim. Ai a tia Maria (pseudônimo) começou o curso e eu nem sabia. Aí ela chegou assim pra mim: “Berenice (pseudônimo), você quer fazer um curso?” – “Quero”. Ai eu falei bem assim: “mas do quê?” Ela: “de costura.” Ai ela falou bem assim: “Se quiser trabaiaá de manhã lá, porque tá precisando”. Porque fábrica é difícil pegar outro serviço, é mais de costura mesmo, costureira eles pegam direto. Agora em outro serviço... já é mais demorado. E como eu tenho moleque pequeno e moro com minha mãe... minha mãe não trabaia, desde que quando eu vim morar com ela assim. Ela operô, aí depois ela cuida da minha vó também e minha vó... ela não anda. Viu? É tudo na mão. Aí, tipo assim, agora que acho que eu vou dar uma coisa melhor pra ela, porque nunca trabaiei.<sup>55</sup>

A trabalhadora tem 17 anos e um filho de 1 ano e meio, estudou até a 7<sup>o</sup> série do ensino fundamental e quando perguntei se ainda pretendia estudar, Berenice me diz que não. Casou-se aos 15 anos, e como podemos observar em sua fala, o marido não a deixava trabalhar, mas quando o marido foi preso ela optou em começar fazer o curso por indicação da tia e por não contar com a restrição anterior - era preciso trabalhar para ajudar na casa da mãe.

Percebemos que a condição financeira da trabalhadora é muito limitada, pois, a mãe, a vó, ela e o filho, são sustentados por um tio, e como ela mesmo diz “está sempre

---

<sup>55</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa da entrevistada. Terra Roxa. 30/01/2013.

faltando as coisa”<sup>56</sup>. Para ela, o novo emprego traz a possibilidade de melhorar a sua condição de vida e de seus familiares.

Quando realizei a entrevista com Berenice, fazia apenas uma semana que ela havia começado a trabalhar na indústria. Antes do atual emprego, a trabalhadora somente tinha trabalhado para uma vizinha, onde fazia de tudo um pouco, mesmo que apontasse anteriormente que "nunca" trabalhou. Ela narra:

Eu trabaiei uma vez só numa vizinha minha. Eu trabaieava de auxiliar pra ela. Virava os pano, porque ela era custureira. Levava a filha dela na creche. Cuidava da casa dela. De tarde ia buscar a minina. Ai fazia janta pra ela. Deixava tudo arrumado e no outro dia de manhã era a mesma coisa.<sup>57</sup>

Costureiras que trabalham em domicílio ganham por peça, assim quanto mais produzirem maior será a renda. Neste sentido, os trabalhos que Berenice desempenhava (limpar a casa e cuidar da filha da trabalhadora que a contratou) eram vitais para que sua empregadora conseguisse aumentar sua produção e, conseqüentemente, sua renda.

A tese de doutorado de Terezinha Carvalhal que tem como título “Dinâmica territorial do trabalho domiciliar das mulheres em Terra Roxa/PR”, tem como proposta analisar as contradições referentes ao trabalho domiciliar como repercussão da informalização. A autora demonstra como essa informalização do trabalho tem se tornado precarizado. Buscando, com isso, apontar a exploração da mulher em sua dupla jornada de trabalho, em que, o trabalho domiciliar, vinculado à moda bebê, mistura-se com o trabalho doméstico.<sup>58</sup>

No entanto, Terezinha, a autora, não menciona o fato de que os trabalhadores que saem das indústrias para trabalharem em casa, não visam apenas à comodidade do trabalho domiciliar, mas também um aumento considerável na renda familiar. Como aparece na fala de uma das trabalhadoras entrevistadas por Carvalhal, “Eu prefiro em casa do que na fábrica. Trabalhei 20 dias, mas eu não dava a produção que eles queriam, mas eu ganho mais em casa do que na fábrica<sup>59</sup>”.

A narrativa da trabalhadora nos indica um campo interpretativo para outras trabalhadoras que avistam possibilidades nessa organização do trabalho e da vida, ainda

---

<sup>56</sup> IDEM.

<sup>57</sup> IDEM.

<sup>58</sup> CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **Dinâmica territorial do trabalho domiciliar das mulheres em Terra Roxa/PR**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente. 2009.

<sup>59</sup> IBIDEM. p. 166.



que na dinâmica dessas relações, o que se tem como evidência é um aumento significativo de pressões para muitos desses trabalhadores e trabalhadoras.

Para tanto, quando analisamos a situação das atividades laborais desempenhadas pela trabalhadora Berenice não podemos esquecer que quem pagava o seu salário era uma trabalhadora assalariada, neste caso o salário que Berenice recebe aparece como um valor simbólico, contribuindo para que não o contabilize como trabalho na sua primeira avaliação sobre o "primeiro emprego" ser o da fábrica.

Podemos compreender assim o universo de expectativas de Berenice em relação ao atual emprego, quando ela diz que “meu sonho é ter uma moto e eu tenho fé em Deus que eu vou conseguir. Batalha ali na fábrica ali pra eu conseguir e dar uma vida melhor pro meu filho e pra minha mãe<sup>60</sup>”.

O salário que a trabalhadora recebia em seu primeiro emprego não permitia as possibilidades que ela vê agora. No entanto, A trabalhadora é uma iniciante nestas relações de trabalho, e pouco percebeu sobre os limites da realização de suas expectativas, tratando apenas dos primeiros sentimentos de exploração vivenciados com o trabalho que exerceu na casa da vizinha.

Um pouco distantes do limites que aparecem para o trabalhador José, que trabalha na indústria de confecção faz 20 anos, que ainda não tem casa própria, mas que pretende comprá-la. Entretanto, quando pergunto ao trabalhador se ele acha que com o salário que ganha ele vai conseguir adquirir a casa, ele me diz que: “Ah, não com o salário né![...]”<sup>61</sup> Então como o trabalhador vai fazer para poder ter a sua casa? Diante desse argumento explicitamos (ele e eu) nossa compreensão sobre a dureza das conquistas dos trabalhadores a partir dos vínculos de trabalho que assumem.

Quando relacionamos os limites que estes trabalhadores enfrentam na realização de suas expectativas e as respostas das fichas de inscrição na Escola do trabalho ou mesmo com a fala da trabalhadora Aparecida, citada anteriormente, compreendemos que a mudança de trabalho e a busca por "novas possibilidades" não depende apenas da fábrica e do projeto administrativo da cidade, mas da atuação desses trabalhadores que estão vendo qual trabalho pode lhe garantir maior salário e mais benefícios.

---

<sup>60</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa da entrevistada. Terra Roxa. 30/01/2013.

<sup>61</sup> JOSÉ (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa do entrevistado. Terra Roxa. 23/09/2011.

Para Berenice, que não tem muito estudo e nem grande acúmulo de relações de trabalho, o curso de costura foi importante neste processo, pois como o secretário da Escola do trabalho diz:

Por existir um demanda dessa mão de obra. É uma procura muito grande. Então a pessoa que faz o curso é 100% de chance de encontrar o emprego [...] só se não quiserem, mais elas já saem daqui empregadas.<sup>62</sup>

Percebemos na fala do Senhor Moacir, a facilidade em se conseguir trabalho na área da indústria de moda bebê, para aqueles que fazem o curso técnico. Assim, como a trabalhadora Berenice afirma: “Quando tinha 15 dias de curso, já pedi pra professora me ponhá na fábrica”<sup>63</sup>. Os trabalhadores já ingressam no curso profissionalizante com a segurança de saírem empregados.

Devido à facilidade e a rapidez das contratações, o trabalho disponível nas indústrias de confecção apresenta-se como um campo de possibilidades para os trabalhadores, principalmente diante de suas urgências, ou condições adversas como Berenice - filho pequeno, marido preso etc. Essa trabalhadora, mesmo sem a "qualificação" indicada - pois só possuía 15 dias de curso e baixa escolaridade, foi rapidamente contratada:

Eu levantei e disse assim: “Mãe eu acho que eu vou lá na fábrica, vou escrever uma ficha, hoje já começou memo né? Quem sabe eles não me chamam”. Fui sozinha. Na intenção assim, uma hora eles iriam me chamar. Ai escrevi a fixa, deixei lá, escrevi lá e deixei lá. Ai demorou coisa de duas semanas e já me chamaram. Pergunto se eu tava trabaiano já... ai quando a mulher desligou o celular me matei de dar risada. Porque é felicidade né!<sup>64</sup>

Fica evidente na fala da trabalhadora a certeza que ela tem, de que “uma hora ou outra” ela seria contratada. Berenice reconhece nas conversas entre trabalhadores a rotatividade nas empresas de bordado, mas sabem, também, das vagas abertas que elas disponibilizam.

Outra evidência da facilidade das contratações nos setores da indústria de confecção, é a pergunta feita à Berenice nessa "ficha", se esta já estaria trabalhando.

---

<sup>62</sup> COMERLATTO, Moacir Carlos. Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na escola do trabalho. Terra Roxa. 03/10/2011.

<sup>63</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa da entrevistada. Terra Roxa. 30/01/2013.

<sup>64</sup> IDEM.

Pois, a empresa na qual Berenice preencheu e deixou a ficha não é a única que precisa de mão de obra e sabe que os trabalhadores procuram outros trabalhos não só em períodos de desemprego, mas, principalmente, quando estão empregados. Há um grande número de indústrias de confecções no município, oficialmente 113 empresas<sup>65</sup> e, conseqüentemente, uma grande demanda de vagas de trabalho nestes setores.

Para tanto, esta “facilidade e rapidez” de se conseguir trabalho em algum setor da indústria, não significa a permanência destes trabalhadores. Pelo contrário, a confiança que estes têm, de que sempre serão (re)contratados, encoraja-os a se movimentarem por estes e outros postos de trabalho - como no campo, no comércio, por conta própria etc., buscando melhores salários e condições de trabalho mais favoráveis a seus interesses.

Esta movimentação dos trabalhadores nos permite entender o grande número de vagas de trabalho sempre disponíveis nos setores da indústria de confecção. O que vai nos indicar uma dificuldade das empresas, que há mais de uma década insistem em dizer que esse é o trabalho de excelência no município, mas que, no entanto, disputam não só com as vagas no trabalho rural, mas, também com outras práticas de trabalho e aquisição de renda destes trabalhadores.

As evidências dessa disputa estão, principalmente, na grande falta de mão de obra que há nas indústrias, na necessidade de um curso técnico que qualifique os trabalhadores, e na abertura de várias fábricas em distritos do município. Como podemos perceber neste fragmento de uma reportagem do jornal online Rio Paranazão:

A comunidade de Bela Vista [distrito de Guaíra-PR] recebeu na quinta-feira, dia 06, uma fábrica de confecção de moda bebê. A fábrica recebeu investimentos de R\$ 77.295,81 para a conclusão de um barracão de 226 m<sup>2</sup> localizado em frente ao ginásio de esportes e mais R\$ 58.907,30 em 32 máquinas de costura, recursos próprios do município.<sup>66</sup>

Nota-se, através desta matéria, o grande investimento da economia local voltado para o setor industrial. Entendemos que esta parceria pode indicar o interesse em expandir as atividades concentradas no campo para a cidade, além disso, o processo de

---

<sup>65</sup> APL da moda bebê em Terra Roxa faz balanço anual em setembro. **Agência SEBRAE de Notícias**, Curitiba. 21 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.pr.agenciasebrae.com.br/noticia/18764013/setores-estrategicos/apl-moda-bebe-de-terra-roxa-faz-balanco-anual-em-setembro/?indice=130>>. Acesso em: 25 out. 2013.

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://www.rioparanazao.com.br/home/?pag=cidadeint&materia=866>>. Acesso em: 10/10/2013

industrialização do município de Terra Roxa e cidade limítrofes, como Guaíra, tem sido visto como avanço no desenvolvimento econômico, pois gera emprego e renda até mesmo nos distritos.

No entanto, o que nos chama a atenção nesta reportagem é o deslocamento de algumas empresas para distritos e cidades vizinhas. Bela Vista é um distrito do município de Guaíra, que faz divisa com Terra Roxa.

Assim como nesta localidade, distritos do município de Terra Roxa, como Santa Rita D'Oeste, Alto Alegre e São José possuem alguma facção ou “braço” de fábricas maiores para disponibilizar vagas a trabalhadores que têm dificuldades de deslocamento até as sedes das empresas. Percebemos assim, que as indústrias estão se deslocando para distritos ou mesmo cidades vizinhas em busca de mão de obra mais barata e em grande quantidade. Através destas ações, fica evidente que há uma disputa das indústrias por trabalhadores - inclusive com os trabalhadores diaristas rurais e trabalhadores que possuem vínculo com frigoríficos em cidades próximas.

O trabalho na indústria de confecção, nesta perspectiva, se torna a opção mais conveniente para alguns trabalhadores de Terra Roxa. Pois há uma grande facilidade em se conseguir trabalho neste setor. Quando indago o trabalhador Carlos sobre a escolha por esse trabalho, ele afirma que:

Acho que é uma opção mesmo. Por exemplo, eu... mesmo se sair da P... hoje, se sair... quero trabalhar em outro lugar que não seja mexer com vestuário. Quero mexer com outras coisas, aprender outras coisas. Se eu for sair de uma empresa pra entrar em outra de vestuário, pra mim acho que não vai valer à pena, mudar de um setor pro outro, de uma empresa pra outra, só mudar de nome.<sup>67</sup>

Nota-se, através da narrativa de Carlos, que ele já está saturado com o trabalho que desempenha na indústria, ou mesmo com qualquer outro trabalho que seja na área da indústria de vestuário. O trabalhador não vê vantagem em mudar de empresa e ter que “começar do zero”. Apesar de no início de sua fala, dizer que é uma opção sua estar vinculado à empresa de moda bebê, sua narrativa prossegue indicando que não.

Percebemos que se estivessem disponíveis outros postos de trabalho fora da indústria, que remunerasse Carlos igual, ou superior ao seu atual rendimento, talvez ele já tivesse trocado de emprego há algum tempo.

---

<sup>67</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa do entrevistado. Terra Roxa. 17/09/2011

Cabe ressaltar aqui, as colocações de E. P. Thompson em “Tempo, disciplina e trabalho e capitalismo industrial”<sup>68</sup>, em que procura analisar a disciplinalização do trabalhador através da introjeção de uma noção de tempo mecânico, e mostrar que as transformações se dariam não apenas no plano tecnológico, mas também a nível cultural. Mesmo se remetendo a outra realidade e momento histórico, sua reflexão contribui para pensar quais são os sentidos e vínculos que interessam aos trabalhadores nessa relação. Segundo o autor:

É muito comum que, nos países onde os vínculos da nova classe proletária da fábrica com seus parentes (e talvez com propriedades de terra ou direitos à terra) nas vilas são muito mais estreitos – e mantidos por muito mais tempo – do que na experiência inglesa, o problema parece ser o de disciplinar uma força de trabalho que está apenas parcial e temporariamente “comprometida” com o modo de vida industrial.<sup>69</sup>

Neste trecho da obra Thompson discute até que ponto houve uma reestruturação radical da natureza social do homem e de seus hábitos de trabalho. Para isso, o autor faz uma análise de como certos trabalhadores vão lidar com essa nova dinâmica de tempo, trabalho e disciplina. Neste sentido, Thompson aponta as dificuldades de disciplinar um trabalhador que estaria “temporariamente comprometido com o modo de vida industrial”. Percebemos assim, a partir da narrativa do trabalhador Carlos que não há uma fidelidade do trabalhador à causa industrial, ele vai se relacionar com essa prática enquanto ela responder às suas urgências e aos planejamentos que ele produz, de acordo com suas necessidades e interesses.

No entanto, Carlos ainda avalia o trabalho na indústria de moda bebê de forma positiva em sua vida - não pelo que a empresa lhe rendeu, mas o que - com suas decisões e empenho - conquistou. Quando lhe pergunto, se acha que o trabalho na indústria foi importante para mudar algumas coisas em sua vida, ele diz que:

É, mais responsabilidade, mais prioridade. Não depender tanto dos meu pais né? É... sei lá, como vou te explicar, tem uma palavra que não consigo lembrar agora. Sei lá... independência, independência, essa era a palavra que eu queria lembrar. Independência financeira, de poder... né? Independência de ser mais tranquilo né?<sup>70</sup>

<sup>68</sup> THOMPSON, E. P. “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. In: \_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. Estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

<sup>69</sup> IBIDEM. p. 300.

<sup>70</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa do entrevistado. Terra Roxa. 17/09/2011

Como Carlos afirmou durante sua entrevista, sua infância foi “Sem muito recurso, entende? Meus pais trabalhavam na roça né. Mas, falá pra você que eu tive uma infância tranquila assim, recursos, se vestir melhor...”<sup>71</sup>. Retomando a trajetória de vida dele, podemos compreender o sentido que a palavra “independência” toma em sua narrativa. Quando realizei esta entrevista o trabalhador tinha 25 anos, e estava na empresa de moda bebê a 8 anos.

Isso nos indica que ele começou a trabalhar aos 17 anos na fábrica. Para Carlos que não teve uma infância “tranquila e com muitos recursos”, o salário que passou a receber pelo seu trabalho, de certa forma, mudou sua condição, proporcionando ao trabalhador a condição financeira de poder adquirir bens materiais que almejava e que seus pais não poderiam lhe dar. Não deixou de contribuir em casa, mas agora não era só isso que seu trabalho garantia.

Como destaca Maria, que atualmente está vinculada ao trabalho na indústria, mas que desempenhou trabalho como diarista até o ano de 2009, avaliar esse percurso - como fez Carlos - passa por destacar restrições que procuram deixar para trás:

A gente trabalhava na roça, num era um dinheirinho certo, dinheiro de roça é um dinheiro que é sofrido, é um dinheiro bom mais é sofrido sabe? Ai sempre assim tava faltando as coisa, a gente tinha que tá correndo atrás. As vezes chuvia, se chuvia cê não ia trabalhar, cê não comia... daí né? Se começasse a semana chovendo cê já perdia a semana né?<sup>72</sup>

O trabalho de diarista no campo está sempre presente na fala desses trabalhadores, ou na trajetória familiar. As dificuldades e inseguranças que este trabalho carrega também. Na fala da trabalhadora Maria percebemos a angústia da incerteza de não saber o valor da remuneração ao fim de cada semana, o que talvez seja a maior das dificuldades para estes trabalhadores que possuem filhos, pagam aluguel e não possuem conta nos armazéns.

Maria, hoje mãe de dois filhos necessita de certa segurança, que avaliou como sendo uma renda fixa, algo que - a curto prazo - o trabalho na indústria lhe possibilita. Ela trabalhou no campo durante grande parte de sua vida e sabe bem da precariedade do trabalho como diarista e das dificuldades que se enfrentam quando se tem uma renda instável.

---

<sup>71</sup> IDEM.

<sup>72</sup> MARIA (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa da entrevistada. Terra Roxa. 30/01/2013.

Eu trabalhei na roça desde meus 11 anos com meu pai. Então não tinha... nois passou apurado... Era meu pai que sustentava a casa. Mais nós ia na roça assim só por ir né? A gente não trabalhava né? Catava algodão, ajudava os pai e tudo, mais eu fui trabalhar mesmo, assim... na roça, depois que eu casei mesmo, carpir, catá algodão, arrancá mandioca, de tudo um pouco sabe? colhê café. Ai fui dar mais valor o que era um serviço braçal né? E intendê melhor o que era ter o suor no seu dinheiro ali.<sup>73</sup>

A trabalhadora se casou aos 15 anos, e até o ano de 2009 quando Maria e o marido começaram a trabalhar na fábrica pela segunda vez, ambos estiveram sempre envolvidos com o trabalho no campo. Em sua fala, Maria nos mostra o sofrimento de trabalhar como "boia-fria". No entanto, o que nos chama atenção em sua trajetória é que esta nos mostra que a inserção dos trabalhadores na indústria não foi automática, já que somente quase duas décadas depois da implantação do projeto APL Vestuário Moda Bebê em Terra Roxa que Maria e seu marido se inseriram neste setor com maiores expectativas. Pois havia tido uma experiência no trabalho industrial há alguns anos atrás, como ela relata:

Trabalhava na fábrica da Ivã que tinha aqui na cidade, só que não me lembro o nome, era ali perto do colégio Carlos Gomes uma antiga fábrica, ai a Iva foi embora pro mato grosso na época, porque tinha falido a fábrica. Tinha quatro meses que eu tava na fábrica só, daí dero as conta pros funcionário porque a fábrica tinha falido né [...] É daí madaro os funcionário embora, os mais novo, os mais velho eu não sei o que eles fizeram, os mais novo mandaro embora. Mais eu demorei muito pra arrumar esse outro emprego aqui, é porque foi em 2003 que eu fui trabalha lá na fábrica da Iva, ai eu fui trabalha aqui agora, quando eu comecei foi em 2009, então demoro bastante né, 6 anos depois.<sup>74</sup>

Considerando que as indústrias começaram a ampliar o seu mercado na cidade em meados da década de 1990, Maria ainda demorou algum tempo até ter a primeira experiência com o trabalho na indústria, mais de uma década. De forma que, no intervalo de 2003 a 2009 Maria continuou como diarista rural.

Ah, eu trabalhava na roça, ai tinha um projeto aqui de fazer tapete, mexia com tapete, artesanato, costura né? Foi onde a gente foi se desenvolvendo né?, daí como o projeto não existe mais, que agora o projeto é ali em cima, ai eu optei pela fábrica né? Que o projeto funcionava assim, você ganhava o tanto que você produzia né? Não

---

<sup>73</sup> IDEM.

<sup>74</sup> IDEM.

era um serviço por mês, assim garantido, cê não tinha no que acreditá, então tinha que trabaiaá muito, uma peça valia R\$5,00 reais, as vezes você não chegava nem R\$200,00 reais por mês né? Se não rendia[...] Não compensava. Tá certo que era pertinho de casa né? Mais os filho tudo... não compensava porque o salário era muito poco né? E boia-fria naquela época não era nem R\$30,00 reais o dia, agora tá R\$40,00 né? O dia de boia-fria, e nois sempre mexemo com roça.<sup>75</sup>

A busca por uma renda fixa, ou pelo em maior volume, aparece novamente na fala da trabalhadora, pois, o momento narrado a trabalhadora já tinha os filhos, e o trabalho de diarista estava em baixa, não lhe dava segurança para o sustento da família. Para Maria, assim como para outros trabalhadores que vêm do trabalho no campo, a renda fixa que o trabalho na fábrica oferece se torna uma importante oportunidade para mudança na condição financeira e conseqüentemente social da vida desses trabalhadores. Maria nos fala um pouco dessas mudanças:

Quando começa a trabaia e vê o dinheirinho dele ali suado todo mês chega lá no banco e fala “puxa vida né? Óia meu dinheirinho na mão”, final do ano você recebe férias, décimo terceiro. Final do ano você recebe dinheiro, se você não sabe controlá seu dinheiro, cê gasta tudo né? Mais cê recebe um dinheirinho bom, férias, décimo terceiro, salário. Dá pra você imprimi [empreender], de fazer alguma coisa, algo mais na sua casa, pros seus filho né<sup>76</sup>.

Como podemos observar nos trechos acima a trabalhadora Maria “tem uma trajetória de vida difícil”, com práticas, expectativas e pressões comuns também a outros trabalhadores. E não podemos esquecer que até pouco tempo era trabalhadora diarista no campo, e o fato de não possuir grande margem de outras ocupações mais rentáveis tornava sua condição de vida e de seus familiares precária. Nota-se na fala da trabalhadora a emoção com que ela narra em receber uma renda fixa e as possibilidades que essa renda fixa oferece hoje aos seus familiares.

Como destaca, é a partir do “dinheirinho a mais” que os trabalhadores recebem no fim do ano, que estes conseguem adquirir um bem material de valor mais alto. Como a própria trabalhadora Maria, que juntamente com o marido conseguiram economizar e comprar o primeiro veículo motorizado da família:

---

<sup>75</sup> IDEM.

<sup>76</sup> IDEM.



A moto a gente comprô agora ano passado [2012]. A gente tinha um dinheirinho meio guardado, ai fomo lá demo entrada e financiamo o resto, tamo pagando, mais com muito sofrimento, muito sacrifício.<sup>77</sup>

Observamos na fala dos trabalhadores entrevistados que a aquisição de alguns bens materiais é interpretada como uma ascensão do nível de vida. No entanto, percebemos na fala de Maria o “sofrimento” financeiro do casal assalariado para adquirir tal bem. O que temos que ter claro, é que as interpretações positivas dos trabalhadores sobre a expansão industrial do município, estão diretamente ligadas à trajetória de vida que possuem e como interpretam esse processo dando sentidos ao trabalho e às decisões que encaminham.

Pois, estamos falando de trabalhadores que vieram de uma condição de trabalho muito mais precária que a atual. A grande quantidade de postos de trabalho ofertada pela indústria facilita a inserção destes trabalhadores nesse ramo, porém não determina sua fixação aleatória nele.

Notamos assim que o trabalho na indústria a princípio é interpretado por muitos trabalhadores positivamente. De forma que, estes enxergam neste trabalho a possibilidade de mudança na condição de suas vidas. No entanto, é importante ressaltar os limites das possibilidades oferecidas. Até que ponto o trabalho na indústria de confecção possibilita a estes trabalhadores melhoria na qualidade e no padrão de suas vidas?

A saúde no município é uma das principais queixas dos trabalhadores. Pois, o hospital municipal encontra-se sempre em situação precária, muitas vezes sem a menor condição de prestar atendimento. A questão é que para problemas de saúde mais sérios os trabalhadores são obrigados a procurar hospitais particulares, ou aguardar a transferência para atendimentos em outras cidades. Como a trabalhadora Berenice nos narra quando a indago sobre quais mudanças o município necessita:

Ah, o que deveria muda mais memo é a saúde da gente, porque a pessoa chega ali não tem medico, não tem nem enfermeiro, tem gente que ta ali ta passando mal ali e não tem nem como ser internado ali, tem que ser internado lá na clinica só que a clinica fecho agora, tem que paga, e aonde que agente daqui, tipo assim, de um lugar que nem essa comunidade aqui, é tudo gente humilde, da onde a gente vai tirar dinheiro pra pagar quarto pagar... né, internação.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> IDEM.

<sup>78</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa da entrevistada. Terra Roxa. 30/01/2013.

Como na fala da trabalhadora Maria citada acima, a trabalhadora Berenice também nos narra as dificuldades dos trabalhadores ao viverem com um salário mínimo diante das deficientes estruturas de saúde pública, lazer e educação do município, voltados para o universo dos trabalhadores. Assim, percebemos o limitado campo de possibilidades para estes sujeitos, que estes estão cientes de sua condição de exploração e da desigualdade que experimentam socialmente. Pois quando os indaguei sobre quem ganha com a expansão da indústria no município, as respostas foram unânimes, como a que destaco abaixo:

Quem ganha é o patrão. Quem tem empresa ganha, quem é dono de empresa só ganha com isso né? Esse é meu ponto de vista, os patrão são os mais bem beneficiados né? Os funcionários nem tanto, porque ainda eu, eu vejo o salário de quem trabalha na empresa de vestuário ainda muito abaixo das perspectivas. Pelo que eu... pelo meu ponto de vista os empregadores arrecadam muito bem<sup>79</sup>.

Dos quatro trabalhadores entrevistados, todos eles me disseram que são os empresários que mais ganham com esta expansão da indústria. O trabalhador Carlos ainda questiona os baixos salários. Percebemos assim, que os trabalhadores têm consciência de que existe exploração, se mostram como seres ativos e conscientes deste processo. No entanto, não se identificam com determinados processos de luta - como o sindicato dos trabalhadores da indústria de moda bebê, mas procuram tirar proveito de situações e relações que atendam às necessidades e interesses que possuem e identificam em comum.

Desta forma, levando em conta o amplo campo de trabalho que este processo de industrialização oferece, percebemos que estes trabalhadores estão interpretando, mesmo em um processo de exploração, permeado de baixos salários, ritmo de trabalho intenso e com condições de trabalho limitadas, que este processo de expansão da indústria de moda bebê, pode ser revertido como uma possibilidade de reorganizarem relações que estavam fragilizadas - como a saída do meio rural, a diminuição de postos de trabalho no campo, a queda nos valores da diária etc. Com isso, se propuseram a construir alternativas e estão se debatendo com elas.

---

<sup>79</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista Concedida a Carem Aline de Oliveira na casa do entrevistado. Terra Roxa. 17/09/2011.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, busquei traçar uma discussão acerca das relações de trabalho no processo de industrialização na cidade de Terra Roxa, a partir da visão dos próprios trabalhadores, estabelecendo um diálogo com os mesmos.

Para tanto, propus-me a interpretar a trajetória de quatro trabalhadores que atualmente estão vinculados às indústrias de moda bebê do município, percebendo as avaliações, limites e contradições presentes na produção das entrevistas com esses sujeitos.

Cabe ressaltar que a escolha pela fonte oral se deu também a partir de um interesse próprio, na medida em que meu interesse esteve ligado a compreender como os trabalhadores de Terra Roxa estão interpretando o processo de industrialização no município. Neste sentido, a produção e uso de entrevistas propicia uma gama de questões obtidas por meio do diálogo com os entrevistados, mas também através das expressões de valores, sentimentos e interpretações de suas vidas.

Ao longo deste trabalho busquei investigar as condições de vida destes trabalhadores problematizando suas relações de trabalho como se inserem e interpretam o mercado de trabalho oferecido pela indústria de vestuário no município, principalmente discutindo suas inscrições em cursos do setor na Escola do Trabalho.

As inúmeras vagas de trabalho que a indústria oferece propiciam a estes trabalhadores a possibilidade de se movimentarem por este amplo campo de trabalho, buscando melhorar sua condição de vida, ou lidar com as pressões e alterações em outras relações de trabalho, como no campo.

O diálogo desses trabalhadores com o empreendimento econômico da moda bebê não é apenas lidar com um mercado, mas com a produção de novas expectativas em relação ao seu padrão atual de vida e sua inserção social na cidade.

Não identifico o trabalho fabril de forma benéfica para os trabalhadores de Terra Roxa. Estamos conscientes da exploração, dos baixos salários, ritmo de trabalho intenso e das condições de trabalho limitadas. Para tanto, busquei trazer os limites da realização das expectativas que estes trabalhadores constroem e as contradições dessa dinâmica de trabalho.

No entanto, percebemos que os trabalhadores mesmo neste processo de exploração, consideram que o processo de industrialização pode ser revertido como uma possibilidade de melhoria nas condições de suas vidas, no qual podem produzir alternativas. Pois, estes trabalhadores estão cientes de sua situação de exploração e se mostram como seres ativos neste processo, buscando se aproveitar da lógica capitalista das formas que conseguem, movimentando-se por este mercado de trabalho de acordo com os interesses e necessidades que possuem e produzem - abrir uma facção, oscilar entre o trabalho na fábrica de bordado e no trabalho como diaristas no campo, etc.

A conclusão neste trabalho é parcial, como em todo trabalho de pesquisa. O objeto investigado, as relações de trabalho, tendo como sujeitos os trabalhadores, vinculados às indústrias, estão em constante mudança e reavaliação.

De forma que ainda, diversas questões acerca da produção de entrevistas, do roteiro, da problematização dessas relações acabaram surgindo posteriormente e foram sendo observadas no decorrer desta pesquisa. O fato de eu ter realizado somente quatro entrevistas com trabalhadores, também prejudicou a problematização que me propus realizar a cerca da trajetória destes. Neste sentido, as questões que não foram trabalhadas nesta pesquisa possibilitam a sua continuidade.

Como por exemplo, a análise mais específica acerca de como a imprensa jornalística noticia e se posiciona frente às condições de vida em Terra Roxa e a expansão da Indústria de Vestuário, problematizando o interesse que o poder público municipal tem em legitimar a industrialização como principal atividade econômica da cidade. Para tanto, essas questões abrem para a possibilidade de continuar a investigação sobre o processo de industrialização no município.

## FONTES

### FONTES ORAIS:

BERENICE (pseudônimo). Entrevista Concedida em 30 de janeiro de 2013. Realizada por Carem Aline de Oliveira, nas dependências da residência da entrevistada em Terra Roxa-PR.

CARLOS (pseudônimo). Entrevista Concedida em 17 de setembro de 2011. Realizada por Carem Aline de Oliveira, nas dependências da residência do entrevistado em Terra Roxa- PR.

COMERLATTO, Moacir Carlos. Entrevista Concedida em 03 de outubro de 2011. Realizada por Carem Aline de Oliveira, na escola do trabalho em Terra Roxa-PR.

JOSÉ (pseudônimo). Entrevista Concedida em 16 de setembro de 2011. Realizada por Carem Aline de Oliveira, nas dependências da residência do entrevistado em Terra Roxa-PR.

MARIA (pseudônimo). Entrevista Concedida em 30 de janeiro de 2013. Realizada por Carem Aline de Oliveira, nas dependências da residência da entrevistada em Terra Roxa-PR.

### SITES:

<http://www.fiepr.org.br/boletimobservatorio/News10739content156924.shtml>

<http://www.stephanesjunior.com.br/noticia.php?idnoticia=272>

<http://www.terraroxa.pr.gov.br/index.php>

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=412740&search=paranalterra-roxa>

<https://www.caged.gov.br>

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/#sub\\_economia](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/#sub_economia)

### JORNAIS:

AGRICULTURA depende de migrante rural. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de junho 2010. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br./fsp/mercado/me1306201011.htm>>. Acesso em: 15/10/2013

APL da moda bebê em Terra Roxa faz balanço anual em setembro. **Agência SEBRAE de Notícias**, Curitiba. 21 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.pr.agenciasebrae.com.br/noticia/18764013/setores-estrategicos/apl-moda-bebe-de-terra-roxa-faz-balanco-anual-em-setembro/?indice=130>>. Acesso em: 25/10/2013

ESCOLAS na fronteira perdem alunos para o contrabando e o narcotráfico. **Gazeta do Povo**, Maringá, 13 de agosto de 2012. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1285852>> Acesso em: 22/10/2013

PARO, Denise. Em Terra Roxa, a moda bebê sai do sítio e vai para as lojas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 out. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/bem-feito-no-parana/conteudo.phtml?id=1413937>>. Acesso em: 25/ 10/2013.

<http://www.rioparanazao.com.br/home/?pag=cidadeint&materia=866> acessado em: 10/10/2013

#### **FICHAS:**

Ficha de inscrição para o curso de qualificação do centro de formação profissional Benjamin Jose Coelho (Escola do trabalho). 17/03/2011 e 23/07/2012

#### **ÍNDICES ESTATÍSTICOS**

IPARDES. **Caderno estatístico do município de Terra Roxa**. Curitiba: IPARDES. 2011

IPARDES et al. **Arranjo produtivo local de moda bebê de Terra Roxa: estudo de caso**. Curitiba: IPARDES; UNIOESTE; Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral. 2006.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, P. S; MARQUES, F. R. Perfil constitucional coreano de mulheres trabalhadoras de uma indústria de confecção e bordados de Terra Roxa- PR, e sua relação com os DORT. In: VII Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar. **Anais...** Maringá: CESUMAR, 27 a 30 de outubro de 2009.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **Dinâmica territorial do trabalho domiciliar das mulheres em Terra Roxa/PR**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente. 2009.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: Panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: Instituto de pesquisa econômica aplicada - IPEA. 1999. Texto para discussão N° 621.

CARDIN, Eric Gustavo. Mesa: PARA UMA HISTÓRIA DO TRABALHO INFORMAL. I Seminário do GT Mundos do Trabalho ANPUH/PR – 2013. Universidade Estadual do Paraná. Marechal Cândido Rondon. Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=ChpuUP3FC1k>> Acesso em: 22/10/2013

FREDERICO, Liane Adiers. **Mulheres e trabalho**: experiências de mulheres bóias-frias de Santa Rita D'Oeste entre as décadas de 1970 e 1990. Trabalho de conclusão de curso(Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 2000.

GUARESCHI, Maria Luiza. **O uso de agrotóxicos no município de Terra Roxa de 1970 a 1990**. Trabalho de conclusão de curso(Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 1995.

GODOY. João Miguel T. A fábrica e o Mundo fabril nos Estudos Acadêmicos brasileiros. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n°. 52, p. 175-203, Jan/Jun. 2010.

KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da História. In: **Outras histórias**: memórias e linguagens. (Org.) Laura A. Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara A. Khoury. São Paulo: Olho d' Água, 2006.

OLIVEIRA, Carem Aline. **Trabalhadores do vestuário em Terra Roxa: relações de trabalho e modos de vida (1990 -2011)**. Projeto de Iniciação Científica Voluntária sob orientação da Profª. Drª. Sheille Soares de Freitas. UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon. Trabalho vinculado ao Grupo de Pesquisa História Social do Trabalho e da Cidade e Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Junho de 2011 a Maio de 2012.

PAOLI, Maria Célia. SADER, Eder. TELLES, Vera Silva da. Pensando a Classe Operária: Os Trabalhadores Sujeitos no Imaginário Acadêmico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n°. 06, p 14, 198

PORTELLI, A. O que faz a história oral, **Projeto história**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, nº. 2, 1996.

SCHENATO, Gladis Bettoni. **Bóias-frias em Terra Roxa de 1975 a 1994**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 1994, p 32-33.

SILVA, Marcela da. **O Cotidiano dos trabalhadores das fábricas de bordado da cidade de Terra Roxa (1985-2004)**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 2004.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Authusser. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

\_\_\_\_\_. “A história vista de baixo” In: \_\_\_\_\_. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Org. Antônio Luigi Negro, Sérgio Silva. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001, p.185-201.

\_\_\_\_\_. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. **A formação da classe operária Inglesa**: a árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz Terra. V. I, 1987. p. 11-12.

\_\_\_\_\_. “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. In: \_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. Estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: ed. Scharez/LTDA companhia das letras, 1998.

VIEIRA, M. P.; PEIXOTO, M. R.; KHOURY. Y. A. A pesquisa em História. 4ª ed. São Paulo: Ática. 1987.